



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE HOTELARIA E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HOTELARIA E TURISMO

ERALDO ROCHA DA SILVA

**BRICOLAGEM EMPREENDEDORA NO TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA: O CASO DA ILHA DE DEUS (RECIFE-PE)**

Recife
2025

ERALDO ROCHA DA SILVA

**BRICOLAGEM EMPREENDEDORA NO TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA: O CASO DA ILHA DE DEUS (RECIFE-PE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Hotelaria em Turismo.

Linha de Pesquisa: Gestão de Empresas Hoteleiras e Turísticas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yákara Vasconcelos Pereira

Recife

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Eraldo Rocha da.

Bricolagem empreendedora no Turismo de base comunitária: o caso da Ilha de Deus (Recife-PE) / Eraldo Rocha da Silva. - Recife, 2025.

75f.: il.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo, 2025.

Orientação: Yakara Vasconcelos Pereira.

1. Turismo de base comunitária; 2. Bricolagem empreendedora; 3. Inovação social; 4. Escassez de recursos; 5. Ilha de Deus. I. Pereira, Yakara Vasconcelos. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

RESUMO

O turismo, além de ser um dos principais motores econômicos globais, também possui forte influência sociocultural nos territórios que o recebem. Contudo, nem sempre seu crescimento resulta em distribuição justa de benefícios. Em áreas periféricas e historicamente marginalizadas, o turismo convencional tende a aprofundar desigualdades, concentrar lucros e enfraquecer culturas locais. Como resposta a esse modelo excludente, o Turismo de Base Comunitária (TBC) surge como uma alternativa crítica, ancorada na valorização dos saberes locais, na gestão participativa e na sustentabilidade socioambiental. Este estudo investiga como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no contexto do TBC praticado na Ilha de Deus, comunidade insular localizada no Recife (PE), caracterizada por intensos processos de resistência territorial, criatividade popular e escassez crônica de recursos financeiros, institucionais e materiais. A pesquisa busca compreender como os moradores, a partir das condições concretas de limitação, mobilizam conhecimento tácito, redes colaborativas e práticas adaptativas para viabilizar iniciativas turísticas autônomas e resilientes. Adotando o estudo de caso como estratégia metodológica (Yin, 2001), foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental, com suporte do software ATLAS.ti para a organização e interpretação qualitativa dos dados. Os achados revelam que a bricolagem não se limita à improvisação, mas constitui uma lógica estruturante de ação coletiva. Três eixos principais são identificados, quais sejam: a bricolagem do conhecimento (aprendizados informais e práticas educativas locais), das redes (parcerias e vínculos intercomunitários) e dos recursos (reutilização de materiais e espaços). Tais práticas não apenas viabilizam as atividades turísticas, mas também contribuem para o fortalecimento identitário, o orgulho comunitário e a construção de autonomia territorial. Ao final, a pesquisa propõe contribuições teóricas para os estudos sobre empreendedorismo em contextos de escassez, bem como recomendações práticas para o fortalecimento do TBC como estratégia de desenvolvimento inclusivo e sustentável.

Palavras-chave: turismo de base comunitária; bricolagem empreendedora; inovação social; escassez de recursos; Ilha de Deus.

ABSTRACT

Tourism, in addition to being one of the main drivers of the global economy, also exerts a strong sociocultural influence on the territories it reaches. However, its growth does not always lead to a fair distribution of benefits. In peripheral and historically marginalized areas, conventional tourism often deepens social inequalities, concentrates profits, and weakens local cultures. As a response to this exclusionary model, Community-Based Tourism (CBT) emerges as a critical alternative, grounded in the appreciation of local knowledge, participatory management, and socio-environmental sustainability. This study investigates how entrepreneurial bricolage is developed within the context of CBT practiced in Ilha de Deus, an island community located in Recife (Brazil), marked by intense processes of territorial resistance, popular creativity, and chronic scarcity of financial, institutional, and material resources. The research seeks to understand how residents, based on concrete limitations, mobilize tacit knowledge, collaborative networks, and adaptive practices to enable autonomous and resilient tourism initiatives. Adopting the case study as a methodological strategy (Yin, 2001), the research employed semi-structured interviews, participant observation, and document analysis, supported by the ATLAS.ti software for qualitative data organization and interpretation. The findings reveal that bricolage goes beyond improvisation, constituting a structuring logic of collective action. Three main dimensions are identified: knowledge bricolage (informal learning and local educational practices), network bricolage (partnerships and intercommunity bonds), and resource bricolage (reuse of materials and spaces). These practices not only enable tourism activities but also contribute to strengthening identity, community pride, and the construction of territorial autonomy. In conclusion, the study offers theoretical contributions to the field of entrepreneurship in resource-constrained contexts, as well as practical recommendations for strengthening CBT as a strategy for inclusive and sustainable development.

Keywords: community-based tourism; entrepreneurial bricolage; social innovation; resource scarcity; Ilha de Deus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder a sabedoria, força e perseverança para chegar até aqui.

À minha mãe, Floracy Rocha, minha maior inspiração. Agradeço imensamente por ter me dado a oportunidade de estudar, mesmo quando as condições eram limitadas, e por ser exemplo de resiliência, força e dedicação.

Às minhas filhas, Hana Milena e Maria Eduarda, que são minha maior motivação e razão para buscar sempre o melhor. Aos meus irmãos, Silvana, Simone e Edson, que, com amor, incentivo e apoio constante, foram pilares fundamentais ao longo dessa trajetória.

Aos meus professores, que me guiaram e contribuíram para a minha formação acadêmica. Um agradecimento especial à minha amiga Sâmea Beatriz, que foi minha incentivadora e me ajudou, junto ao professor Dr. Paulo Mercado, na minha seleção para o mestrado.

À minha orientadora, Professora Dra. Yákara Vasconcelos, pela paciência, orientação e dedicação incansáveis. À coordenadora do PPHTUR, que, além de ser uma fonte de conhecimento, participou da minha banca e me proporcionou contribuições necessárias para o aprimoramento deste trabalho. Ao professor Dr. Edimilson Lima, por sua participação como membro externo da banca, enriquecendo meu trabalho com seus direcionamentos precisos e agregadores.

Aos meus colegas de mestrado, que foram parceiros fundamentais nesse trajeto. Em especial à minha amiga Gabriela Vasconcelos, que me acolheu como família em Recife, proporcionando não apenas amizade, mas também apoio emocional e prático, em uma cidade que não era minha, mas que se tornou um lar temporário para mim.

Ao programa CAPES, pela bolsa que me possibilitou estudar em outra cidade, dedicando-me integralmente aos estudos.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu crescimento, seja com palavras de incentivo, orações ou gestos de apoio. O carinho e as boas energias de cada um de vocês foram essenciais para que eu alcançasse este marco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	12
Figura 2	34
Figura 3	35
Figura 4	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	26
Quadro 2	29
Quadro 2	29
Quadro 4	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B.E - Bricolagem Empreendedora

MTUR - Ministério do Turismo

TBC - Turismo de Base Comunitária

UNWTO - Organização Mundial do Turismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Contextualização do tema	10
1.2 Problema de pesquisa	15
1.3 Objetivos da pesquisa	17
1.3.1 Objetivo geral	17
1.3.2 Objetivos específicos	17
1.4 Justificativa da escolha do tema	17
1.5 Estrutura da dissertação	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 Bricolagem empreendedora	20
2.2 Turismo de base comunitária	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.1 Delineamento da pesquisa	27
3.2 Critérios para seleção do caso e sujeitos participantes	27
3.3 Estudo piloto e coleta de dados	30
3.4 Técnica de análise de dados, validação e confiabilidade	31
4 RESULTADOS	33
4.1 Oportunidades diante da escassez de recursos	34
4.2 Soluções inovadoras e criativas a partir das limitações de recursos	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
5.1 Implicações para as organizações e políticas públicas	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista (estudo piloto)	68
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista – Turismo de Base Comunitária na Ilha de	71
Deus	71

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta a motivação da realização da investigação e o problema de pesquisa. Em seguida, são definidos os objetivos geral e específicos que orientam o desenvolvimento do estudo. Por fim, apresenta-se a justificativa que sustenta a escolha do tema, demonstrando a sua contribuição na área do conhecimento investigada.

1.1 Contextualização do tema

Nas últimas décadas, o turismo foi significativamente transformado pelos fatores econômicos e sociais (Bursztyn; Sansolo; Bartholo, 2009) utilizando os recursos disponíveis e respondendo efetivamente a riscos imprevistos. Esse fator tem sido cada vez mais discutido em pesquisas recentes. Ao passo que as organizações buscam estratégias para lidar com a escassez de recursos, também fomentam novos moldes de inovação (Irving, 2009). Nesse contexto, a bricolagem pode ser incorporada por meio de práticas empreendedoras mobilizando os recursos que possuem à disposição (Tajeddini *et al.*, 2023).

O conceito de bricolagem foi originalmente introduzido por Lévi-Strauss (1962), que o definiu como a prática de utilizar "o que estiver à mão", referindo-se ao emprego de ferramentas e materiais variados e limitados, os quais não são necessariamente vinculados a um projeto específico. Anos mais tarde, Baker e Nelson (2005), por meio de uma investigação empírica sobre organizações operando sob condições de escassez de recursos, desenvolveram o conceito de bricolagem empreendedora (BE), fundamentando-se nas premissas estabelecidas por Lévi-Strauss. Baker e Nelson (2005) identificaram que os empreendedores de 29 organizações demonstraram a capacidade de gerar serviços exclusivos por meio da integração artesanal de elementos distintos, reconfigurando-se de maneira criativa para atender a novas finalidades. O estudo revelou que esse modelo de ação, amplamente associado ao conceito de bricoleur, não apenas assegura a sobrevivência das organizações, mas também pode impulsionar sua prosperidade, especialmente em contextos adversos.

Ao rejeitarem as limitações tradicionais impostas pela gestão de recursos e pelas condições ambientais, os empreendedores que utilizam a bricolagem demonstram a capacidade de converter passivos em ativos estratégicos. Pequenas organizações que

recorrem a essa prática frequentemente revalorizam materiais ou insumos negligenciados por grandes organizações, exibindo um comportamento marcadamente inovador. Visão compartilhada por Fu *et al.* (2019) que afirmam que a BE representa a aplicação efetiva de recursos para superar a escassez, gerando heterogeneidade por meio da aplicação contínua e mantendo a competitividade ao desenvolver competências inimitáveis por meio do aumento da eficiência.

O conceito de bricolagem tem sido extensivamente abordado em diversas áreas do conhecimento, abrangendo campos como a inovação (Kustiningsih *et al.*, 2024; Tabassam, 2024; Hou; Xiong; Chen, 2022; Kuankuan; Zhang, 2022; Santos et al., 2022; Flaminiano, 2024), a indústria criativa (Klerk, 2015; Franklin, 2012; Rüling; Duymedjian, 2014), o setor social (Bacq *et al.*, 2015; Ciambotti *et al.*, 2021; Crupi; Liu; Liu, 2021; Desa, 2012; Desa; Basu, 2013; Domenico; Haugh; Tracey, 2010), entre outros. Essa ampla gama de aplicações ilustra a versatilidade e a profundidade da ideia, que se adapta com eficácia a diferentes contextos e problemáticas. Por isso, a bricolagem se configura como uma abordagem de natureza multifacetada, cuja relevância ultrapassa fronteiras disciplinares, oferecendo referencial teórico e prático que promove tanto a inovação quanto a superação de restrições em diversos cenários.

Longe de ser rígida, a bricolagem manifesta-se em diversas dimensões que, juntas, compõem um quadro complexo da habilidade empreendedora. A bricolagem de recursos é a dimensão mais fundamental e amplamente reconhecida do construto, representando o núcleo da definição de “virar-se com o que tem”. Ela se refere à prática de identificar, combinar e aplicar os insumos disponíveis — sejam físicos, financeiros ou humanos — de maneira nova e criativa para atender a um desafio ou oportunidade. Em vez de se paralisarem pela ausência de recursos ideais, os empreendedores que praticam a bricolagem de recursos se recusam a serem limitados por restrições e se engajam ativamente na construção de soluções a partir do que está ao seu alcance (Baker; Nelson, 2005; Domenico; Haugh; Tracey, 2010).

Essa dimensão pode ser subdividida em duas categorias principais, a saber: a bricolagem interna e externa (Vanevenhoven *et al.*, 2011). A bricolagem interna mobiliza os recursos intrínsecos ao indivíduo, como suas experiências de vida e trabalho, conhecimentos prévios, habilidades acumuladas e certificações. Já a bricolagem externa foca no conjunto de recursos potenciais do ambiente do empreendedor, que pode ser físicos (máquinas, materiais, resíduos), sociais (redes de contatos) ou financeiros. Um exemplo prático e poderoso de bricolagem de recursos é observado nos empreendimentos

turísticos de Java Oriental, onde artesãos locais, para superar a falta de capital, utilizam plantas nativas para criar corantes naturais para a produção de tecidos batik, transformando um recurso local abundante e de baixo custo em um produto de alto valor agregado e com apelo de sustentabilidade (Fu *et al.*, 2019).

Enquanto a bricolagem de recursos foca nos insumos, a bricolagem de mercado direciona a engenhosidade para a criação e modelagem de mercados. Em vez de conduzir uma análise de mercado tradicional para encontrar uma demanda existente a ser atendida, o empreendedor que pratica a bricolagem de mercado utiliza os recursos e capacidades que possui para criar nova oferta, que por sua vez pode gerar novo nicho de mercado. Essa dimensão está intrinsecamente ligada à inovação de modelos de negócio, em que a bricolagem atua como um mecanismo mediador entre uma orientação exploratória e a criação de novas formas de gerar valor (Guo; Su; Ahlstrom, 2016).

A bricolagem de mercado permite que empresas explorem insumos e combinações de recursos que foram ignorados por concorrentes para prestar serviços únicos e criar soluções de valor superior a baixo custo (Baker; Nelson, 2005). Por exemplo, um empreendedor comunitário que combina o conhecimento tradicional de ervas de sua avó (bricolagem de recurso interno) com a hospitalidade de sua família (recurso social) para criar uma experiência de bem-estar ancestral não está apenas vendendo um produto, mas criando novo mercado para turistas que buscam autenticidade e conexão, no mercado que não existia antes dessa combinação criativa de recursos. Essa prática envolve a criação de produtos, processos e estratégias de marketing inovadoras que redefinem as fronteiras do mercado (Fu *et al.*, 2019).

A bricolagem institucional opera no nível das regras do jogo, ou seja, das normas, regulamentos e práticas que governam um setor ou sociedade. Essa dimensão é particularmente crucial em ambientes com vazios institucionais — onde as instituições formais são fracas, ausentes ou ineficientes — ou em contextos de alta rigidez burocrática (Mair; Marti, 2009). Empreendedores que se engajam na bricolagem institucional não aceitam passivamente as restrições impostas; eles ativamente navegam, combinam e até mesmo criam novas regras para viabilizar os empreendimentos.

Essa prática pode envolver a combinação criativa de elementos de diferentes lógicas institucionais (por exemplo, misturando práticas de mercado com lógicas comunitárias ou familiares) para criar um modelo de governança híbrido e funcional. Empreendedores podem criar arranjos informais para superar a falta de apoio político ou regulatório formal, construindo legitimidade mediante redes de confiança e reputação

(Janssen; Fayolle; Wuillaume, 2018). A bricolagem institucional, portanto, é um ato de agência que permite aos empreendedores construir um ambiente minimamente estável para operar, mesmo quando o contexto formal é adverso ou inexistente (Vanevenhoven *et al.*, 2011).

A bricolagem espacial é uma dimensão que enfatiza a importância do contexto geográfico e cultural imediato. Definida como o comportamento de reinterpretar e recombinar os recursos disponíveis no espaço local por meio da participação e valorização comunitária (Korsgaard; Müller; Welter, 2021), essa forma de bricolagem depende profundamente da imersão social do empreendedor. Um ator local, imerso na cultura e nas relações sociais de sua comunidade, é capaz de perceber e mobilizar recursos que seriam invisíveis ou desvalorizados por um olhar externo (Yachin; Ioannides, 2020).

Essa dimensão subverte a lógica tradicional de avaliação de recursos. Por exemplo, uma tecnologia desatualizada, como um antigo moinho, ou o capital humano menos educado, como os anciãos que detêm saberes orais, podem ser criativamente reinterpretados e transformados nos principais ativos de uma experiência turística autêntica e única (Korsgaard, Müller e Welter, 2021). A bricolagem espacial vai além do faça você mesmo, tornando-se uma ação coletiva que reforça o sentimento de pertencimento e direciona a criação de oportunidades de negócio que estão em profunda harmonia com os costumes e tradições locais.

Essa dimensão dupla reflete como a engenhosidade empreendedora se aplica tanto às relações humanas quanto às ferramentas tecnológicas contemporâneas. A bricolagem social, teorizada por autores como Domenico, Haugh e Tracey (2010), foca na criação de valor social por meio da mobilização de redes de contatos, capital social e confiança. O empreendedor atua como um "arquiteto social", tecendo relações e usando sua capacidade retórica para convencer stakeholders e mobilizar recursos coletivos (Lounsbury; Glynn, 2001). O sucesso de muitas iniciativas comunitárias, por exemplo, depende menos de capital financeiro e mais da capacidade de organizar a comunidade em torno de um objetivo comum.

A bricolagem digital, por sua vez, é a aplicação dessa lógica ao universo tecnológico. Na era em que a tecnologia pode ser proibitivamente cara, empreendedores utilizam plataformas digitais de baixo custo ou gratuitas de maneira inovadora. Eles podem usar redes sociais para campanhas de marketing com alcance global sem orçamento de publicidade, utilizar softwares de código aberto para gerenciar operações, ou criar comunidades online para engajar clientes e co-criar produtos. Essa prática é

especialmente relevante na economia digital, permitindo que pequenos empreendimentos compitam em agilidade e criatividade, superando a falta de recursos para investir em tecnologias proprietárias e sofisticadas (Chandna, 2022; Yu; Wang, 2021).

Nesse sentido, a bricolagem empreendedora, conforme sugerido por Tajeddini *et al.* (2023), destaca-se como uma estratégia criativa e adaptativa que aproveita recursos disponíveis de maneira inovadora para enfrentar desafios e criar valor. Essa abordagem se alinha de forma particularmente relevante ao turismo de base comunitária (TBC), que muitas vezes opera em contextos de recursos limitados, mas ricos em potencial cultural, ambiental e social (Nyaupane; Morais; Dowler, 2006).

Ademais, Nyaupane, Morais e Dowler (2006) argumentam que o TBC apresenta limitações como a falta de recursos financeiros; pouca ou nenhuma infraestrutura ou expertise; limitação cultural e conflitos entre os atores envolvidos. Ainda, Bacq *et al.* (2015) abordam o relacionamento entre bricolagem empreendedora e impacto social, levando em conta a premissa de utilizar o que se tem para empreender socialmente, resolvendo problemas sociais e obtendo lucro ao mesmo tempo, perspectiva presente em comunidades e organizações do Turismo de Base Comunitária. Diante de tantas adversidades, Bartolho Jr. *et al.* (2011) defendem que o TBC no Brasil, para além de valorizar aspectos culturais, também dinamiza o turismo doméstico local e regional, aumentando a permanência dos turistas estrangeiros no país e descobrindo formas inteligentes de participação na cadeia produtiva do turismo.

Na cidade do Recife, o TBC vem se difundindo nos últimos dez anos, a partir de iniciativas como as desenvolvidas pelas comunidades da Bomba do Hemetério e da Ilha de Deus, que possuem uma história de organização e lutas. A atividade turística criativa é o principal instrumento da Política Pública elaborada para o turismo na Cidade do Recife para o período de 2019 a 2021, como Plano do Turismo Criativo, sendo reconhecida como um modelo de transformação social e uso sustentável de recursos culturais e ambientais. O TBC, embora seja uma atividade socioeconômica recente na Ilha de Deus (ver Figura 1), vem promovendo melhorias na qualidade de vida dos ilhéus. Contudo, por ser o turismo um fenômeno conhecidamente impactante nos locais onde se instala, esta atividade necessita de estudos científicos para a compreensão das transformações que o turismo vem gerando.

Figura 1: Foto da Ilha de Deus



Fonte: Agência de Notícias da Favela (2023).

Portanto, esta pesquisa tem como intuito explorar o papel da bricolagem empreendedora no turismo de base comunitária (TBC), investigando como a transformação de recursos impulsiona oportunidades e o desenvolvimento sustentável na Ilha de Deus. O estudo busca compreender a maneira como essas restrições estimularam soluções criativas e inovadoras. Dessa forma, pretende-se oferecer contribuições teóricas e práticas que auxiliem gestores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas na criação de estratégias mais efetivas para fortalecer o TBC e promover o protagonismo das comunidades envolvidas.

1.2 Problema de pesquisa

Panasiuk (2019) argumenta que o turismo desempenha papel essencial no dinamismo da economia global e das economias nacionais, com impactos significativos sobre indicadores macroeconômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB) e o nível de emprego nas organizações que compõem a oferta de serviços turísticos. No Brasil, o setor é reconhecido como um dos mais relevantes para a economia nacional (MTUR, 2023). No entanto, como consequência dos processos de globalização, o turismo de massa consolidou-se como um mercado marcado por intensa competitividade e exclusão, em que apenas destinos com maior grau de desenvolvimento conseguem atrair a maior parcela dos fluxos turísticos internacionais.

Davidsson, Baker e Senyard (2017) destacam que organizações emergentes, sobretudo as de pequeno porte, enfrentam desafios decorrentes da limitação de recursos, o que as levam a adotar práticas inovadoras, como a bricolagem empreendedora, para contornar essas restrições. Esses autores foram pioneiros na formulação de uma métrica para mensurar os comportamentos de bricolagem, oferecendo a base teórica para compreender as práticas e enfrentando os desafios de mensuração relacionados ao tema.

Quanto ao contexto da investigação, Davidsson, Baker e Senyard (2017) apontam o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma alternativa viável e promissora, que integra a preservação ambiental com a valorização cultural das comunidades locais. Essa abordagem permite a diversificação do produto turístico nacional e se contrapõe ao modelo hegemônico de desenvolvimento turístico, caracterizado por priorizar interesses econômicos em detrimento das necessidades das comunidades receptoras. O modelo tradicional, frequentemente guiado por grandes corporações e focado na maximização de lucros, exclui as populações locais do processo de tomada de decisão e dos benefícios econômicos gerados pelo turismo. Nesse sentido, o TBC emerge como uma prática que valoriza a autonomia e o empoderamento das comunidades locais, promovendo inclusão social e sustentabilidade (Maldonado, 2009).

A literatura recente sobre bricolagem empreendedora avança na compreensão de seus mecanismos, mas ainda apresenta lacunas relevantes. Estudos recentes buscam identificar antecedentes como a escassez de recursos e a incerteza institucional; contudo, tais estudos não contemplam de forma aprofundada os contextos urbanos periféricos ou de base comunitária, tampouco analisam seus efeitos em uma perspectiva de longo prazo. Da mesma forma, pesquisas que evidenciam a bricolagem em cenários de crise concentram-se predominantemente em mercados emergentes de maneira ampla, sem explorar de forma específica as dinâmicas próprias de comunidades turísticas comunitárias ou de áreas urbanas periféricas (Magobe *et al.*, 2024; Santos; Borini; Oliveira, 2020).

Nesse sentido, este estudo contribui para a teoria ao ampliar o escopo analítico da bricolagem empreendedora, demonstrando como se manifesta em territórios periféricos urbanos e nas iniciativas de turismo de base comunitária. Ao revelar que a bricolagem pode assumir dimensões coletivas, relacionais e simbólicas, o trabalho desafia abordagens centradas exclusivamente no indivíduo e propõe uma compreensão mais abrangente do fenômeno como prática socialmente construída. No campo das práticas, a pesquisa oferece evidências de como comunidades em situação de escassez mobilizam recursos

locais — naturais, digitais, relacionais e culturais — para estruturar iniciativas turísticas resilientes, socialmente inclusivas e enraizadas em sua identidade. Esses achados podem subsidiar políticas públicas e ações de apoio a empreendimentos comunitários, indicando caminhos para transformar a bricolagem de mera estratégia de sobrevivência em vetor de inovação social e fortalecimento da economia solidária.

A experiência da Ilha de Deus, no Recife-PE, reflete a relevância do TBC como mecanismo de desenvolvimento. Apesar de recente, essa prática tem promovido avanços expressivos na qualidade de vida dos moradores. Sendo o turismo amplamente reconhecido por gerar transformações significativas nos territórios em que se desenvolve, é indispensável realizar análises científicas que permitam compreender as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que surgem em decorrência de sua implementação, diante disso alcança-se a seguinte pergunta de pesquisa: como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus?

1.3 Objetivos da pesquisa

Os objetivos geral e específicos orientam o desenvolvimento da pesquisa, visando responder o problema proposto.

1.3.1 Objetivo geral

Analisar como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus.

1.3.2 Objetivos específicos

- I. Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;
- II. Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus.

1.4 Justificativa da escolha do tema

O setor de turismo possui relevância estratégica para a economia global, uma vez que exerce influência direta sobre indicadores econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB) e a geração de empregos (Panasiuk, 2019; MTUR, 2023). Ademais, o turismo se configura como uma importante fonte de receitas para nações em desenvolvimento,

desempenhando papel essencial no fortalecimento econômico desses países (UNWTO, 2021). Entretanto, muitas empresas inseridas nesse segmento, especialmente as de pequeno porte, enfrentam desafios decorrentes da limitação de recursos, o que exige a implementação de práticas de gestão inovadoras, como a bricolagem empreendedora (Servantie; Hlady-Rispal, 2019, 2022).

A bricolagem é conceituada como a capacidade de mobilizar e reaproveitar os recursos disponíveis no ambiente organizacional, superando limitações financeiras e estruturais (Baker; Miner; Eesley, 2003). Evidências empíricas apontadas por autores como Senyard, Baker e Davidsson (2009) e Fu *et al.* (2019) demonstram que comportamentos baseados na bricolagem contribuem no fortalecimento de empresas, especialmente em cenários de elevada incerteza, ampliando suas chances de sobrevivência e possibilitando melhores resultados de desempenho.

A bricolagem empreendedora configura-se como uma estratégia adaptativa na qual empreendedores reconfiguram recursos escassos, integrando criatividade e pragmatismo para solucionar problemas complexos (Fisher, 2012). Pesquisas recentes, como de Desa e Basu (2013), destacam que essa prática não se limita a contextos de escassez, mas também se aplica a ecossistemas dinâmicos, onde a agilidade na recombinação de recursos tangíveis e intangíveis favorece a construção de vantagens competitivas sustentáveis. Um exemplo dessa dinâmica é observado no estudo de Garud e Karnøe (2003), que descrevem a bricolagem como um processo de "criação de caminhos" (*path creation*), no qual empreendedores transformam restrições em oportunidades por meio de experimentações iterativas.

No contexto brasileiro, pesquisas empíricas como a de Sobrinho Júnior, Dos Santos e Da Silva (2024) identificaram que microempreendedores urbanos utilizam redes de colaboração informal e conhecimentos locais para desenvolver soluções inéditas, alinhando-se à ideia de que a bricolagem transcende a lógica tradicional de gestão de recursos (Desa; Basu, 2013). Complementarmente, Fisher (2012) argumenta que a capacidade de "ver potencial onde outros veem limitações" é um traço cognitivo central nos empreendedores bricoleurs, reforçando a interligação entre pensamento criativo e ação estratégica. Essas perspectivas convergem para a noção de que a bricolagem não é apenas uma resposta à escassez, mas uma competência organizacional que pode ser sistematicamente cultivada (Garud; Karnøe, 2003).

No âmbito do turismo de base comunitária, a bricolagem revela-se como uma ferramenta estratégica para superar os entraves impostos pelos modelos convencionais de

desenvolvimento, incentivando práticas voltadas à sustentabilidade e à inclusão social. Um exemplo representativo é a experiência da Ilha de Deus, que ilustra como iniciativas comunitárias fundamentadas em princípios de bricolagem empreendedora são capazes de converter recursos escassos em produtos turísticos inovadores e de qualidade.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o conhecimento sobre a aplicação da bricolagem empreendedora no contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC) no Brasil, com especial ênfase no caso da Ilha de Deus (Recife-PE). Apesar de estudos internacionais evidenciarem o papel da bricolagem em cenários de escassez, observa-se ainda uma lacuna sobre sua utilização em comunidades turísticas brasileiras. Para responder a essa lacuna, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas e com suporte do software ATLAS.ti, que possibilita compreender em profundidade as práticas locais e representar visualmente as categorias emergentes. Ao explorar essa abordagem inovadora, o estudo propõe o fortalecimento da gestão que amplie a capacidade de resiliência organizacional diante das constantes transformações do mercado. Paralelamente, busca fomentar práticas que priorizem a sustentabilidade ambiental, a valorização cultural e a inclusão social – pilares essenciais para o desenvolvimento equilibrado e participativo do turismo comunitário.

Esta pesquisa contribui para a teoria do empreendedorismo e da bricolagem de múltiplas formas. Primeiramente, amplia a compreensão sobre a aplicação da bricolagem em contextos comunitários e de informalidade, até então pouco explorados, desafiando a centralidade da empresa formal na literatura e abrindo espaço para reflexões sobre criatividade, improviso e resiliência em ecossistemas complexos. Em segundo lugar, oferece insights sobre como redes de colaboração, capital social local e conhecimento contextual que podem ser mobilizados para criar valor econômico, social e cultural, integrando perspectivas sociotécnicas à discussão sobre empreendedorismo. No plano prático, o estudo fornece subsídios para gestores, empreendedores comunitários e formuladores de políticas públicas, indicando estratégias que conciliam inovação, sustentabilidade e inclusão social, fortalecendo tanto a gestão comunitária quanto a capacidade de resistência a choques externos. Ao articular teoria e prática, o estudo promove uma visão plural do empreendedorismo, destacando a bricolagem como abordagem que interage com dimensões cognitivas, sociais e institucionais, e que pode gerar impactos positivos além do próprio negócio, contribuindo no desenvolvimento local e na valorização cultural.

Embora não constitua o foco principal desta investigação, a reflexão sobre a formalização dos negócios locais emerge como uma contribuição adicional e relevante. A possibilidade de transitar de práticas informais para estruturas mais consolidadas, como a formalização no formato de microempreendedor individual (MEI) ou de micro e pequenas empresas (MPE), pode facilitar o acesso a políticas públicas, linhas de crédito e programas de capacitação. Dados recentes do Sebrae, por exemplo, apontam que, no início de 2023, o Brasil registrou um saldo positivo de 868,8 mil novas empresas de pequeno porte, compostas por MEI e MPE (Sebrae, 2023), evidenciando o potencial impacto positivo da formalização no setor turístico.

Assim, a pesquisa se propõe a aprofundar a compreensão da bricolagem empreendedora como ferramenta estratégica para a gestão do TBC, sem deixar de reconhecer que a eventual formalização dos empreendimentos pode contribuir na profissionalização e consolidação dos negócios turísticos locais. Ao articular práticas de gestão inovadora com a possibilidade de inserção formal no mercado, o estudo reforça o desenvolvimento sustentável, inclusivo e culturalmente valorizado, potencializando os impactos positivos na Ilha de Deus e demais comunidades ribeirinhas.

1.5 Estrutura da dissertação

A presente dissertação está organizada da seguinte maneira: o capítulo 1 possui a contextualização, problema de pesquisa, objetivos e justificativa; o capítulo 2 aborda o referencial teórico acerca da bricolagem empreendedora e turismo de base comunitária; o capítulo 3 apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para responder aos objetivos levantados; o capítulo 4 revela os resultados; já o capítulo 5 relata as considerações finais; por fim, os apêndices são apresentados posterior às referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, explora-se a fundamentação teórica que orienta a pesquisa. Inicialmente, é abordado o tema bricolagem empreendedora, seguido do turismo de base comunitário e suas intersecções com o tema central.

2.1 Bricolagem empreendedora

A bricolagem empreendedora é um fenômeno multifacetado que transcende a mera improvisação, configurando-se como uma estratégia sistemática para transformar limitações em vantagem competitiva. Originalmente cunhado por Lévi-Strauss (1962) nos estudos antropológicos, o termo foi adaptado para o empreendedorismo por autores como Baker e Nelson (2005, p. 333), que o definem como a “[...] arte de criar valor a partir de recursos subutilizados, fragmentados ou aparentemente inúteis”. Essa prática envolve três dimensões centrais: a recombinação de recursos existentes, a criatividade contextual e a ação orientada por restrições. A teoria da bricolagem ganhou destaque na literatura de empreendedorismo após estudos de Baker, Miner e Eesley (2003), que demonstraram como startups em contextos de escassez utilizam recursos locais – como redes sociais e habilidades artesanais – para superar a falta de capital financeiro.

Senyard *et al.* (2014) ampliaram essa perspectiva ao propor que a bricolagem não é apenas uma resposta à escassez, mas uma competência dinâmica que pode ser cultivada intencionalmente. Em ambientes voláteis, empreendedores *bricoleurs* destacam-se pela capacidade de “pensar fora da caixa”, integrando conhecimentos dispersos para gerar soluções inovadoras (Cohen, 1988). No contexto brasileiro, essa prática é frequentemente observada nos empreendimentos informais; por exemplo, em comunidades periféricas de São Paulo, microempreendedores transformam contêineres abandonados em espaços comerciais, utilizando materiais reciclados para reduzir custos (Silva; Araújo, 2020), fortalecendo assim, a economia circular e alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

Estudos de casos internacionais reforçam essa dinâmica, como na Índia, onde empresas sociais como a Selco utilizam bricolagem para fornecer energia solar a comunidades rurais, adaptando tecnologias ocidentais a realidades locais (Bhardwaj *et al.*, 2024). Esses exemplos ilustram que a bricolagem não se restringe a microempresas, pois grandes organizações também a adotam para fomentar a inovação frugal. Contudo, a prática enfrenta críticas, com alguns autores argumentando que a dependência excessiva de recursos limitados pode levar à estagnação, sobretudo quando empreendedores

negligenciam investimentos em tecnologias disruptivas (Garud; Karnøe, 2003). Além disso, em contextos de alta regulamentação, práticas de bricolagem podem colidir com normas legais, como observado em startups de mobilidade urbana que desafiam modelos tradicionais de transporte (Desa; Basu, 2013).

A bricolagem empreendedora, ao promover a reconfiguração criativa de recursos disponíveis, estimula processos contínuos de experimentação e adaptação, elementos centrais para o aprendizado organizacional. Segundo Baker e Nelson (2005), a prática da bricolagem permite que organizações descubram novas combinações de recursos subutilizados, o que exige a constante reflexão sobre falhas e acertos. Esse ciclo de tentativa, erro e ajuste gera conhecimento tácito, que é internalizado por meio da experiência prática (Kolb, 1984).

Além disso, a necessidade de lidar com restrições materiais e cognitivas força os indivíduos a desenvolverem habilidades de resolução de problemas de forma colaborativa, ampliando a base coletiva de conhecimentos. Como destaca Salvato e Vassolo (2018), os ambientes marcados pela bricolagem tendem a favorecer a aprendizagem exploratória, na qual a organização não apenas acumula conhecimento, mas também questiona pressupostos preexistentes, renovando suas capacidades dinâmicas.

A transferência de conhecimento, por sua vez, é potencializada pela natureza social e iterativa da bricolagem empreendedora. Ao envolver múltiplos atores na recombinação de recursos, essa prática facilita a disseminação de conhecimentos tácitos por meio de interações informais, como defende Nonaka e Takeuchi (1995) no modelo SECI (Socialização, Externalização, Combinação e Internalização). A coautoria na criação de soluções improvisadas permite que saberes individuais sejam codificados em rotinas e processos organizacionais, reduzindo assimetrias informacionais.

Para Ciborra (1996, 2002), a bricolagem atua como um mecanismo de "tradução de conhecimentos", em que práticas locais são gradualmente legitimadas e integradas à memória institucional. Assim, a organização não apenas aprende, mas também sistematiza esse aprendizado, criando um repositório de know-how adaptável a novos contextos, conforme sugerem Zollo e Winter (2002) ao discutirem mecanismos de evolução organizacional.

No setor de turismo, caracterizado por sua sazonalidade e sensibilidade a crises – em que 80% das empresas são micro ou pequenas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2022) – a bricolagem empreendedora revela-se uma ferramenta crucial para

a sobrevivência. Entre as estratégias adotadas, destaca-se o reaproveitamento de espaços, como observado em regiões do Caribe, onde hotéis abandonados são transformados em centros culturais comunitários que oferecem workshops de artesanato e gastronomia local (Rodríguez; Nieto Moreno, 2023).

Outras táticas envolvem parcerias criativas, que estabelecem acordos não monetários com agricultores, oferecendo tours educativos em troca de produtos orgânicos para hospedagem (Liu; Chiang; Ko, 2023), e o uso de tecnologias acessíveis, com plataformas como o WhatsApp Business sendo adaptadas para reservas e atendimento ao cliente, diminuindo a dependência de sistemas caros de CRM (García-Gallo; Rivera; García, 2021). A revolução digital também redefiniu essa prática, pois enquanto grandes operadoras investem em inteligência artificial para personalizar experiências, microempreendedores utilizam ferramentas gratuitas – como o Canva – para criar materiais promocionais (Silva; De Araújo, 2018).

No Brasil, por exemplo, guias de turismo autônomos recorrem a drones de baixo custo para produzir vídeos aéreos de atrativos naturais, competindo com empresas estabelecidas (Kunz, 2024). Entretanto, desafios estruturais persistem, como a dependência de plataformas digitais – as quais a hegemonia de empresas como Booking.com e Airbnb impõe comissões elevadas que se contrapõem ao turismo de base comunitária (Ryglová *et al.*, 2018) – e a falta de capacitação técnica de muitos empreendedores turísticos para integrar tecnologias emergentes, como o blockchain para rastreamento sustentável de cadeias de suprimentos (Rana; Adamashvili; Tricase, 2022).

2.2 Turismo de base comunitária

O Turismo de Base Comunitária (TBC) configura-se como um modelo alternativo ao turismo massificado, priorizando a justiça social, a conservação ambiental e a valorização cultural. Contudo, sua implementação exige um equilíbrio delicado entre autenticidade e profissionalização, tradição e modernidade, autonomia e dependência de atores externos. Conforme definido por Dodds, Ali e Galaski (2016a, 2016b), esse modelo estrutura-se em quatro pilares fundamentais, a saber: (1) propriedade comunitária, com decisões coletivas para evitar a captura por elites locais; (2) distribuição equitativa dos lucros, com reinvestimento em educação, saúde e infraestrutura; (3) valorização cultural, integrando rituais, gastronomia e artesanato à experiência turística; e (4) sustentabilidade ambiental, por meio de práticas como agrofloresta e uso de energia renovável. Esses princípios buscam inverter a lógica hierárquica do turismo convencional, transferindo o

controle dos recursos para comunidades historicamente marginalizadas (Mitchell; Reid, 2001).

Um exemplo emblemático do TBC é o projeto Kapawi Eco Lodge, no Equador, gerido pela comunidade indígena Achuar desde 1996. O empreendimento combina técnicas ancestrais de navegação fluvial com canoas tradicionais e tecnologias solares, garantindo emissões neutras de carbono (Tolkach; Rei, 2016). A gestão participativa inclui assembleias comunitárias para decisões estratégicas, embora estudos apontem que 38% dos lucros sejam absorvidos por consultorias externas, questionando a autossuficiência idealizada (Stone, 2019). No Brasil, o TBC ganhou impulso com políticas públicas como o Programa de Regionalização do Turismo, instituído em 2003. Em Bonito (MS), comunidades ribeirinhas organizam passeios de flutuação em rios cristalinos, utilizando técnicas de bricolagem sustentável para construir passarelas suspensas com madeira certificada, minimizando impactos nos ecossistemas aquáticos (Silva; Araújo, 2020). Já no Vale do Jequitinhonha (MG), artesãs associam a venda de cerâmicas a roteiros turísticos, permitindo que visitantes aprendam técnicas de modelagem transmitidas por gerações, como demonstra o projeto Caminhos do Barro (Nascimento, 2021). Essas iniciativas ilustram a capacidade do TBC de integrar tradição e inovação, gerando renda enquanto preserva saberes locais.

Contudo, o modelo enfrenta críticas e contradições intrínsecas. A comercialização da cultura destaca-se como um dilema central: rituais sagrados podem ser transformados em espetáculos para turistas, esvaziando seu significado original. Cohen (1988) analisa esse fenômeno como uma "commoditização do sagrado", observado em comunidades como os Ashaninka no Acre, onde elementos espirituais do ritual Kamari foram suprimidos para atrair visitantes, embora parte da renda seja reinvestida em práticas culturais restritas. Na África do Sul, o projeto Khwa ttu, gerido pela comunidade San, enfrentou críticas semelhantes ao adaptar danças tradicionais para turistas, mas posteriormente estabeleceu protocolos éticos para proteger cerimônias sagradas (Mensah, 2022). Outro desafio é a dependência de intermediários, a exemplo dos estudos na Amazônia brasileira ao revelar que 70% do lucro do ecoturismo são controlados por operadoras externas, limitando a autonomia comunitária (Reimers; Santos, 2021). Na Tanzânia, apenas 5% da receita gerada pelo turismo de safári no Parque Nacional do Serengeti permanece na comunidade Maasai, evidenciando um padrão global de assimetria (Nelson, 2019, 2020).

Além disso, conflitos geracionais ameaçam a continuidade do TBC. Jovens de comunidades tradicionais, como no Quilombo Ivaporunduva (SP), frequentemente migram para centros urbanos, associando atividades turísticas a estigmas de "atraso" (Gomes; Fernandes, 2020). Contudo, iniciativas inovadoras mostram caminhos para reverter essa tendência. Na Reserva Extrativista do Rio Unini (AM), jovens criaram um canal no YouTube para documentar práticas culturais, como a pajelança, gerando renda (Projeto Saúde e Alegria, 2021). No Quênia, o aplicativo Eco-Mwalimu conecta turistas diretamente a guias locais via GPS, reduzindo a dependência de intermediários e atraindo jovens por meio de tecnologias digitais (UNWTO, 2021).

Para superar esses desafios, propostas inovadoras têm sido articuladas. Na Costa Rica, o uso de blockchain no projeto Raíces Comunitárias permitiu rastrear 85% dos lucros diretamente para famílias locais, garantindo transparência e reduzindo a intervenção de terceiros (Torres, 2023). Nas Filipinas, comunidades indígenas utilizaram a mesma tecnologia para mapear rotas turísticas e monitorar impactos ambientais em tempo real (Torres, 2023). Na África do Sul, a certificação Fair Trade Tourism assegura que comunidades San do projeto! Khwa ttu recebam 65% da receita gerada por hospedagens e oficinas culturais (Mensah, 2022). No entanto, autores como Mowforth e Munt (2020) alertam que o TBC não é uma solução universal, tendo em vista que em regiões com extrema pobreza, como o Sahel africano, a prioridade deve ser segurança alimentar, não o turismo.

A governança multiescalar também emerge como estratégia promissora. Na Costa Rica, o Certificado de Sustentabilidade Turística (CST) envolve comunidades, governos e ONGs na gestão de projetos, como o Roteiro Chorotega, onde agricultores familiares oferecem hospedagem em cafeeiros orgânicos (ICT, 2023). No Brasil, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM) destaca-se por seu sistema de gestão participativa, onde decisões sobre cotas turísticas e investimentos são tomadas em assembleias mensais (ISA, 2019). Esses casos demonstram que a articulação entre escalas local, nacional e global é crucial para o sucesso do TBC.

Nesse contexto, a Ilha de Deus, em Pernambuco, tem se destacado como um exemplo de turismo de base comunitária (TBC), onde a valorização da cultura local, a participação da comunidade e a sustentabilidade ambiental são pilares essenciais. Diversas pesquisas têm investigado os impactos dessa modalidade turística na região,

explorando questões como governança, empreendedorismo, conservação ambiental e conflitos territoriais. No quadro a seguir, são apresentados estudos que analisam as dinâmicas do turismo comunitário na Ilha de Deus, destacando metodologias, principais achados e desafios enfrentados pela comunidade na construção de um modelo turístico mais inclusivo e sustentável.

A análise dos estudos revela que o turismo comunitário na Ilha de Deus vem sendo abordado sob diferentes metodologias, combinando pesquisas qualitativas, quantitativas e mistas (ver Quadro 1). Enquanto entrevistas e observação participante permitiram compreender percepções e desafios vividos pela comunidade, análises documentais e dados ambientais trouxeram uma visão mais estruturada sobre o impacto do turismo na governança e no meio ambiente. Essa diversidade metodológica fortalece o entendimento da complexidade do turismo comunitário, mas também evidencia lacunas, como a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem a evolução dessas dinâmicas ao longo do tempo.

Quadro 1 - Estudos na área de turismo realizados na Ilha de Deus

Autor/Ano	Título do estudo	Foco	Metodologia	Principais achados
Lima; Irigara; Gomes (2019)	Turismo de Base Comunitária na Ilha de Deus: Entre a Tradição e a Modernidade	Sustentabilidade e cultura local	Qualitativa: Entrevistas semiestruturadas (30 moradores) + observação participante.	O turismo fortaleceu a identidade cultural, mas há carência de infraestrutura sanitária.
Costa (2018)	Gestão Participativa do Turismo em Comunidades Tradicionais: O Caso da Ilha de Deus	Pressão imobiliária. Turismo comunitário	Mista: Análise documental de atas + surveys com 50 famílias.	Especulação imobiliária avança sobre 20% das áreas de mangue, apesar da resistência comunitária.
Silva (2019)	Ecoturismo e Conservação de Manguezais: Experiências na Ilha de Deus	Governança comunitária	Quantitativa: Dados de desmatamento (2015-2020) + entrevistas com gestores.	A gestão participativa aumentou a inclusão social, mas 60% das decisões dependem de ONGs externas.
Oliveira (2021)	Mulheres e Turismo Comunitário:		Qualitativa: Estudo de caso	Redução de 15% no desmatamento,

	Protagonismo na Ilha de Deus	Impactos ambientais	com 15 mulheres líderes de projetos.	mas pressão turística ameaça áreas de preservação.
Santos; Pereira; Almeida (2020)	Conflitos Territoriais e Turismo na Ilha de Deus	Gênero e empreendedorismo	Qualitativa: Análise de documentos legais + grupos focais com moradores.	Mulheres lideram 80% das iniciativas, mas têm acesso limitado a crédito e capacitação.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Os achados indicam que, apesar dos avanços na valorização cultural e na participação comunitária, desafios estruturais persistem, como a carência de infraestrutura, a dependência de ONGs e a especulação imobiliária. A pesquisa sobre governança mostrou que, embora haja inclusão social, muitas decisões ainda são influenciadas por agentes externos. Já os estudos ambientais alertam para os riscos da pressão turística sobre áreas de mangue, mesmo com esforços de conservação. O protagonismo feminino no turismo comunitário também se destacou, mas a limitação no acesso a crédito e capacitação demonstra que há barreiras significativas a serem superadas.

Portanto, para que o turismo comunitário na Ilha de Deus se consolide como um modelo sustentável, é essencial que haja equilíbrio entre autonomia e apoio externo, além de estratégias que garantam a continuidade e profissionalização das iniciativas locais. O diálogo intergeracional e a adaptação às demandas contemporâneas serão fundamentais para evitar a cristalização das tradições e permitir que a comunidade exerça papel ativo na construção do seu próprio futuro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados no alcance dos objetivos da pesquisa. Para isso, o delineamento da investigação, os critérios para a seleção do caso e sujeitos selecionados, a coleta de dados, o estudo piloto, a técnica de análise de dados e os procedimentos de validação e confiabilidade são apresentados.

3.1 Delineamento da pesquisa

Esta investigação adota a abordagem qualitativa, alinhada ao paradigma interpretativista, que reconhece o conhecimento como construído socialmente e profundamente contextualizado (Denzin; Lincoln, 2006). Tal escolha metodológica justifica-se pela natureza do objeto de estudo — a bricolagem empreendedora no turismo de base comunitária—, um fenômeno complexo que exige a compreensão de significados subjetivos, práticas cotidianas e contextos organizacionais específicos. A pesquisa qualitativa, como argumentam Creswell e Poth (2017), permite explorar dimensões não mensuráveis numericamente, como valores culturais, processos decisórios e interações sociais, essenciais para desvendar como e por que estratégias de bricolagem são implementadas em cenários de escassez de recursos.

A investigação está estruturada como estudo de caso, estratégia metodológica recomendada para investigar acontecimentos contemporâneos em seus contextos reais, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o ambiente não são claramente definidas (Yin, 2001). Moradores da Ilha de Deus foram selecionados — preferencialmente empreendedores que atuam sozinhos ou em organizações para identificar padrões comuns e singularidades do fenômeno. Como destacam Eisenhardt e Graebner (2007), essa abordagem facilita a triangulação teórica, fortalecendo a validade interna ao contrastar evidências de diferentes contextos.

3.2 Critérios para seleção do caso e sujeitos participantes

O presente estudo concentra-se no turismo de base comunitária, tendo como foco as iniciativas de negócios desenvolvidas pelos moradores da Ilha de Deus, em Recife, Pernambuco. A Ilha de Deus, o caso analisado, foi escolhida por constituir um exemplo singular de turismo comunitário em contexto urbano periférico, no qual a própria comunidade organiza e media as experiências, garantindo a permanência dos benefícios locais. A diversidade de atividades culturais, ambientais e educativas permite analisar

como a escassez de recursos estimula soluções criativas, fortalecendo autonomia, capital social e práticas de turismo sustentável. A Ilha tornou-se referência por suas iniciativas que chegou a ser destacada em reportagens veiculadas por emissoras de televisão de abrangência nacional. Esta investigação valoriza a atuação dos próprios residentes como protagonistas na promoção, organização e gestão de atividades turísticas, ressaltando como os saberes e recursos locais podem ser transformados em oportunidades de desenvolvimento sustentável e instrumentos para a preservação da cultura e do meio ambiente da ilha.

A escolha de investigar o turismo de base comunitária justifica-se pelo impacto econômico e social dessas iniciativas, que fortalecem a economia local e geram vínculos comunitários essenciais. O estudo foca em micro e pequenos empreendimentos turísticos organizados pela comunidade, reconhecendo que esses atores respondem por uma parcela significativa dos empregos vinculados ao setor. Para a seleção foram adotados os seguintes critérios: a) iniciativas conduzidas predominantemente por moradores da Ilha de Deus, garantindo a autenticidade e a gestão local; e, b) histórico mínimo de 1 ano de atuação na promoção de atividades turísticas comunitárias.

A pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, fundamentada na escolha intencional dos participantes que permitiram a compreensão aprofundada do fenômeno estudado. Também foram analisados documentos, registros visuais e depoimentos dos moradores, possibilitando a identificação dos processos, desafios e impactos do turismo de base comunitária na Ilha de Deus. Essa estratégia metodológica é essencial para captar as especificidades do contexto insular, evidenciando como as iniciativas locais organizam, promovem e intermediam os serviços turísticos, contribuindo no desenvolvimento sustentável e fortalecimento da identidade comunitária.

Os respondentes são apresentados no quadro 2, cada entrevistado possui um código (pseudônimo). É possível identificar o cargo que ocupa, o tempo de atuação na empresa, formação, e a identidade no ATLAS.ti (código gerado no sistema), o modo de coleta e o tempo de duração das entrevistas. Foram entrevistados 8 sujeitos, sendo esses atuantes do turismo comunitário na Ilha de Deus. As entrevistas foram gravadas (presencial e via plataforma Microsoft Teams) e transcritas.

Quadro 2- Apresentação dos sujeitos entrevistados

Código dos entrevistados	Tempo atuando com TBC	Formação	ID ATLAS t.i.	Modo de coleta	Tempo de duração das entrevistas
Entrevistado 1	4 anos	Fundamental Incompleto	E1	Presencial	30 min.
Entrevistado 2	2 anos	Ensino Fundamental Incompleto	E2	Presencial	15 min.
Entrevistado 3	2 meses	Ensino Médio Completo	E3	Presencial	15 min.
Entrevistado 4	5 anos	Ensino Fundamental Incompleto	E4	Presencial	17 min.
Entrevistado 5	12 anos	Ensino Fundamental Incompleto	E5	Presencial	20 min.
Entrevistado 6	6 anos	Superior Completo	E6	Online	1h20min.
Entrevistado 7	16 anos	Superior Completo	E7	Online	1h02min.
Entrevistado 8	15 anos	Superior cursando	E8	Online	2h03min.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Quanto aos dados secundários, foram coletadas matérias divulgadas em revistas e jornais, com o intento de obter informações detalhadas acerca do turismo de base comunitária na Ilha de Deus, possibilitando a seleção de evidências para a pesquisa (Guba; Lincoln, 1981; Volo, 2020). O Quadro 3 mostra as fontes pesquisadas, com o total de reportagens encontradas, a quantidade de reportagens repetidas, aquelas que não contribuíram para a pesquisa e por fim, o montante de matérias válidas, totalizando 55 documentos. Os seguintes descritores foram utilizados na busca, quais sejam: Turismo e Ilha de Deus

Quadro 3 - Matérias coletadas e analisadas

Fontes	Total de matérias	Repetidas	Não contribuem	Total válida
Agência Nacional das Favelas	5	0	3	2
Diário de Pernambuco	13	0	5	8

360Meridianos	1	0	0	1
BBC	1	0	0	1
Folha de Pernambuco	0	0	0	0
Jornal do Comércio	1	0	0	1

Fonte: Elaboração própria (2025).

Na análise das publicações, observou-se que a Agência Nacional das Favelas apresentou 5 matérias, das quais 3 não contribuíram significativamente para a pesquisa, resultando em 2 reportagens válidas. O Diário de Pernambuco contou com 13 matérias analisadas, sendo que 5 foram descartadas por não apresentarem relevância temática, totalizando 8 contribuições válidas. A fonte 360 Meridianos apresentou apenas uma matéria, que foi considerada não contributiva. Já a BBC teve uma matéria avaliada, a qual foi considerada válida. A Folha de Pernambuco, por sua vez, não apresentou registros durante o período analisado. Por fim, o Jornal do Comércio contou com uma matéria, que foi considerada válida para os fins da pesquisa.

Nesse sentido, para colaborar nessa etapa, foi utilizado o ATLAS.ti, software indicado para investigação de dados qualitativos atendendo aos objetivos desta pesquisa, conforme é apresentado de forma resumida no quadro 4.

Quadro 4 – Síntese quantitativa da análise de dados

Documentos	Códigos	Citações	Redes
28	18	95	2

Fonte: Elaboração própria (2025).

A análise de dados no ATLAS.ti (versão 25) foi finalizada com 28 documentos inseridos no sistema, 18 códigos criados, 95 citações e 2 redes.

3.3 Estudo piloto e coleta de dados

Antes de iniciar a coleta de dados, foi conduzido um estudo piloto com o objetivo de testar o roteiro de entrevistas fundamentado no referencial teórico. Foi realizada uma entrevista com uma atuante do TBC há mais de 10 anos, localizada na Barra de São Miguel, no litoral sul de Alagoas.

A Vila Palatéia é um pequeno vilarejo ribeirinho inserido em uma área de aproximadamente 748 hectares de manguezal e Mata Atlântica. O lugar é conhecido como o Paraíso das Ostras, não apenas pela qualidade dos frutos do mar, mas por sua experiência única de turismo que articula natureza, cultura e protagonismo comunitário.

A principal atividade econômica local é a ostreicultura, desenvolvida de forma sustentável por cerca de 120 a 150 famílias — muitas com raízes quilombolas, indígenas e caiçaras. Desde o início dos anos 2000, com apoio de instituições como o SEBRAE e o Banco do Nordeste, a comunidade estruturou um criadouro de ostras que se tornou o maior de Alagoas, gerando renda, autonomia e identidade territorial.

Esse cenário coloca a Vila Palatéia como um exemplo vivo de Turismo de Base Comunitária (TBC) e ideal para a validação do roteiro de entrevista. Essa etapa desempenhou papel crucial ao aprimorar o roteiro de entrevistas.

Como instrumento de coleta, adotou-se a entrevista semiestruturada, que combina a liberdade típica das entrevistas não estruturadas com o suporte de um guia específico, garantindo assim a condução sistematizada da pesquisa (Bernard, 2017). As entrevistas foram realizadas virtualmente, utilizando o Microsoft Teams para possibilitar videochamadas que facilitassem a conexão imediata com os participantes ou, quando necessário, de forma presencial com os moradores. Os roteiros de entrevistas estão ao final do texto como apêndices. Após o estudo piloto, procedeu-se à adaptação de alguns termos acadêmicos, de modo a facilitar a compreensão pelos entrevistados. Ressalta-se que não foram necessárias outras modificações adicionais.

Esse formato de entrevista mostrou-se especialmente eficaz em projetos que envolveram gestores, burocratas e membros da comunidade, uma vez que esses profissionais estavam habituados a otimizar o uso do tempo (Bernard, 2017). Além de entrevistas presenciais para acessar moradores que possuem pouco ou nenhum meio de contato com plataformas na internet.

3.4 Técnica de análise de dados, validação e confiabilidade

O exame dos dados seguiu a abordagem de análise de conteúdo. Essa análise se concentra na fala, ou seja, na prática da língua realizada por emissores identificáveis, além disso leva em consideração o conteúdo, eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formato, visando o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, entre outras, por meio de um mecanismo de dedução com base em

indicadores reconstruídos a partir de um conjunto de mensagens particulares (Bardin, 2011).

Os resultados são apresentados destacando os principais achados. A discussão foi baseada no referencial teórico, integrando os resultados com a literatura existente. O estudo fornece uma síntese dos achados, destacando suas implicações práticas e teóricas.

Para garantir a validação e confiabilidade da pesquisa, foram aplicados critérios recomendados por Paiva Júnior, Leão e Mello (2011). Para os autores, a garantia de validade e confiabilidade estão relacionadas aos critérios de qualidade na pesquisa qualitativa. A validade está ligada à aplicabilidade dos métodos empregados em uma pesquisa para alcançar de forma confiável os objetivos. Já a confiabilidade refere-se à garantia de que outro pesquisador poderá realizar uma pesquisa semelhante e obter resultados similares.

Os critérios recomendados por Paiva Júnior, Leão e Mello (2011) são: triangulação; reflexibilidade; construção do corpus da pesquisa; descrição clara, rica e detalhada; surpresa; feedback dos informantes. Neste estudo foram utilizados três critérios, a saber: a triangulação, realizada por meio da combinação de entrevistas semiestruturadas com atores locais e análise de reportagens; também ocorreu a construção do corpus da pesquisa, pela sua importância que influencia tanto a confiabilidade quanto a validade da investigação, tendo como objetivo principal aumentar a diversidade das representações desconhecidas; descrição clara, rica e detalhada, que é fundamental para garantir confiabilidade, está relacionada à qualidade da documentação, à transparência e à minuciosidade na apresentação dos procedimentos propostos na pesquisa e na análise dos resultados; feedback dos informantes é considerado uma seleção de validação, confronta fontes e a obtenção de sua concordância ou autorização, sendo classificada como validação comunicativa dos participantes e por último, a reflexibilidade por ser uma particularidade da confiabilidade que influencia tanto a fase anterior quanto posterior ao acontecimento, resultando na mudança no pesquisador.

4 RESULTADOS

Este capítulo tem como propósito atender ao objetivo geral de analisar como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus. Para tanto, busca-se compreender como os moradores, diante da escassez de recursos financeiros, institucionais e materiais, mobilizam conhecimentos locais, redes sociais, criatividade e práticas colaborativas para estruturar e manter as iniciativas turísticas.

4.1 Ilha de Deus

O acesso à Ilha de Deus ocorre por via terrestre, mediante a ponte “Vitória das Mulheres”, ou por meio fluvial, via catamarãs que partem do centro do Recife. A escolha do trajeto influencia diretamente a dinâmica da atividade turística. Quando feito por terra, o agendamento é realizado diretamente com a organização comunitária, o que assegura que a totalidade da receita beneficie os moradores locais. Já o acesso fluvial é operado por uma empresa turística, que repassa parte da arrecadação à comunidade. Em ambas modalidades, os visitantes são recebidos por condutores locais, responsáveis por mediar a experiência e orientar sobre as práticas éticas e ambientais — como respeito à privacidade dos moradores e preservação do manguezal.

O roteiro valoriza a cultura comunitária, com atividades que incluem apresentação de danças tradicionais, visitas à oficina de artesanato liderada por mulheres da Ilha e momentos de diálogo com marisqueiras sobre práticas de catação e pesca artesanal — aspectos que reforçam a autenticidade da experiência e o protagonismo local (ver Figura 2).

Na sede comunitária, que se localiza na ONG Saber Viver e, que funciona como centro de memória e mobilização social, os visitantes são imersos na trajetória histórica de superação dos moradores. Nessa área encontra-se um pequeno museu com acervo fotográfico, objetos e registros audiovisuais, além de um hostel coletivo — espaço que permite vivenciar diretamente o cotidiano local e se hospedar em ambiente autogerido.

Figura 2 – Prática da comunidade



Fonte: OxeRecife (2021).

Além do passeio tradicional, os visitantes podem participar de atividades criativas, como oficinas de culinária regional, pesca artesanal em pequenos barcos e produção de artesanato. Esses momentos de aprendizagem ativa são organizados pelos próprios moradores, e os recursos gerados são revertidos em iniciativas coletivas — tais como capacitações, apoio a instituições locais e projetos para preservação ambiental — evidenciando o compromisso da comunidade com o desenvolvimento sustentável e autonomia.

4.2 Oportunidades diante da escassez de recursos

No contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC), a bricolagem emerge como uma estratégia adaptativa fundamental para superar limitações de recursos e promover o desenvolvimento local sustentável. Essa abordagem envolve a utilização criativa e inovadora dos recursos disponíveis pela comunidade, transformando desafios em oportunidades. Segundo Lima (2010), a bricolagem no TBC não se limita à improvisação, mas constitui uma prática estruturada que integra saberes locais, redes sociais e práticas colaborativas, visando à construção de soluções sustentáveis e autênticas. Em comunidades como a Ilha de Deus, no Recife (PE), a bricolagem se manifesta em diversas formas, como a adaptação de espaços domésticos para atividades turísticas, a produção

artesanato de souvenirs a partir de materiais reciclados e o uso estratégico de ferramentas digitais para divulgação e marketing, mesmo diante da escassez de recursos financeiros e institucionais (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2023; Graciliano; Holanda, 2021). Essas práticas evidenciam a capacidade da comunidade de articular e redistribuir recursos escassos, fortalecendo o capital social e promovendo a inclusão social e o protagonismo local. No entanto, é importante ressaltar que, apesar de sua eficácia, a bricolagem apresenta limitações, especialmente quando se trata de acesso a apoio técnico, capacitação formal e fontes externas de financiamento, aspectos que podem comprometer a sustentabilidade das iniciativas no longo prazo (Mzembe et al., 2019).

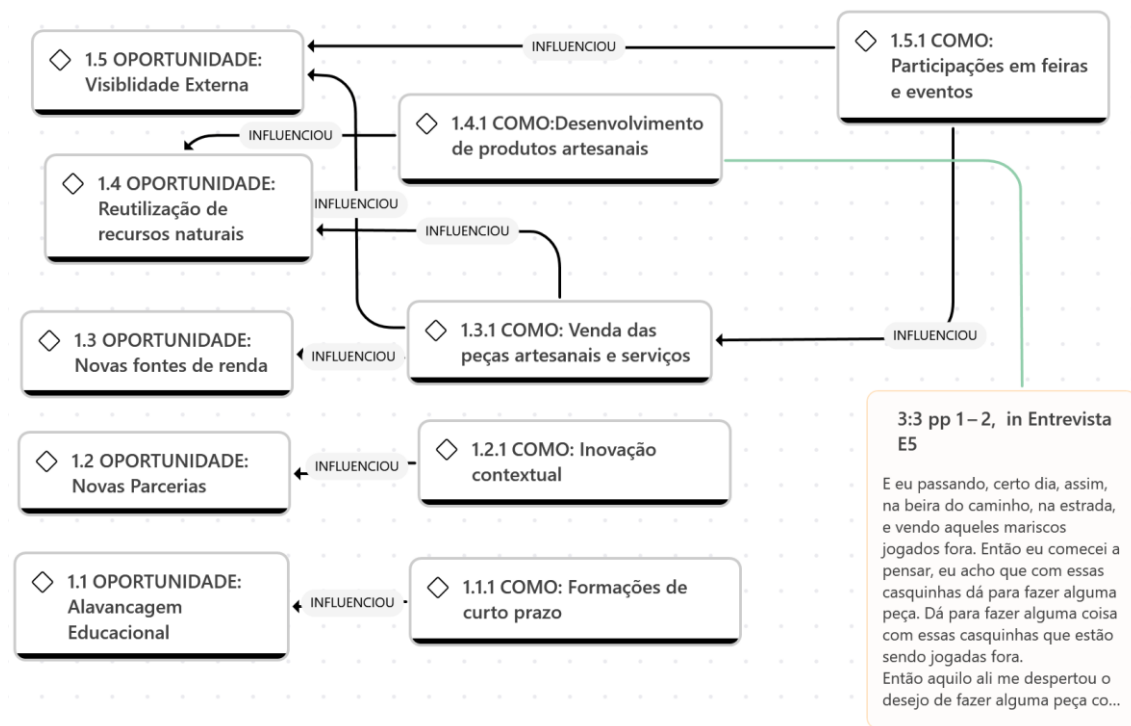
Na Ilha de Deus, a bricolagem empreendedora não apenas se apresenta como estratégia de superação da escassez, mas também como um catalisador de inovação social e econômica. A comunidade se apropria de práticas criativas para ressignificar recursos disponíveis, transformando-os em soluções inovadoras voltadas ao turismo sustentável. Essa dinâmica está alinhada ao que defendem Mateus e Sarkar (2024), ao ressaltarem que a bricolagem pode ser compreendida como um processo de inovação emergente, no qual a experimentação e a adaptação contínua desempenham papel central. De forma semelhante, Magobe *et al.* (2024) evidenciam que a escassez de recursos, quando relacionada a redes sociais e ao conhecimento local, pode impulsionar inovações incrementais capazes de fortalecer a competitividade em ambientes adversos. No contexto da Ilha de Deus, isso se materializa em práticas como a criação de produtos turísticos baseados em tradições culturais, o aproveitamento de resíduos para gerar souvenirs com apelo sustentável e a utilização de ferramentas digitais de baixo custo para ampliar o alcance de mercado. Essas estratégias confirmam que a bricolagem pode se configurar como uma capacidade essencial para a inovação frugal em mercados emergentes, potencializando soluções criativas e acessíveis que fortalecem a resiliência comunitária.

Esta seção apresenta os resultados do primeiro objetivo específico que tem como foco analisar como a bricolagem empreendedora possibilita transformar a falta de recursos em oportunidades para o avanço do turismo de base comunitária. Para a apresentação dos achados, foram empregadas redes visuais elaboradas com o uso do software ATLAS.ti, as quais desempenham um papel essencial ao integrar os dados empíricos com os conceitos teóricos que fundamentam o estudo.

Na figura 3, pode-se identificar cinco oportunidades impulsionadas pela bricolagem no contexto do turismo de base comunitária, a saber: alavancagem

educacional, novas parcerias, novas fontes de renda, reutilização de recursos naturais e visibilidade externa.

Figura 3 - Limitação de recursos transformada em oportunidades



Fonte: Elaboração própria (2025).

A relação entre a bricolagem e o Turismo de Base Comunitária (TBC), no que tange à transformação da limitação de conhecimento em alavancagem educacional, é um exemplo de inovação social. Ocorre quando a comunidade, diante da falta de acesso à educação formal em turismo, utiliza os recursos que tem à mão para criar suas próprias soluções de ensino, uma prática de "virar-se com o que tem" que define a bricolagem empreendedora (Baker; Nelson, 2005).

Em vez de aguardar por programas de capacitação externos e formais, a comunidade atua como um *bricoleur* do conhecimento. As "pequenas capacitações" emergem como uma solução engenhosa. São treinamentos de curto prazo, muitas vezes informais, que combinam o saber-prático dos mais experientes com as necessidades imediatas do grupo. Essa abordagem se alinha às iniciativas "de baixo para cima" (*bottom-up*), consideradas cruciais para o empoderamento e a inovação em destinos rurais, pois são moldadas pelo contexto e pela realidade local (Pinheiro, 2018).

A bricolagem do conhecimento permite a aprendizagem em tempo real contemplada por um processo contínuo de experimentação e ajuste que é característico

da improvisação no empreendedorismo (Baker; Miner; Eesley, 2003). Nesse sentido, o entrevistado destaca:

Hoje, nas nossas oficinas e palestras, a gente as faz se sentirem em uma faculdade. A gente não as deixa ficarem escutando a gente. A gente faz um formulário ali, cria um formulário, joga para elas e diz assim: ‘vamos estudar. Voltamos para a faculdade, vamos estudar.’ Mas como, professor? Porque a gente não foi nem no primário, a gente já está na faculdade. Eu digo: ‘já deram o pulo, né?’ Incentivando. (Entrevistado E7)

Os erros e desafios da operação turística se tornam insumos para novas rodadas de aprendizado coletivo e também fomentam o crescimento a longo prazo. Assim, a limitação inicial é transformada em uma oportunidade, gerando capital humano adaptado e resiliente. O relato a seguir contribui para esse entendimento:

Mas o turismo de base comunitária mudou totalmente a minha vida, por exemplo, ninguém dizia que um pescador pudesse ser consultor do Sebrae, sem ir à faculdade. Ninguém diria isso, Negralinda hoje também é uma chefe renomada, agora mesmo vai fazer evento para a Tramontina, e a gente faz palestra em toda parte do mundo, em toda parte do Brasil, levando a história de como a gente cresceu. Então isso para a gente é uma vitória muito grande. (Entrevistado E7)

Contudo, é válido notar o alerta de que tais treinamentos, se permanecerem superficiais e sem uma reflexão crítica, correm o risco de reforçar estereótipos culturais (Chok; Macbeth; Warren, 2007).

Na oportunidade de parcerias, autores como Chang *et al.* (2024) desenvolvem o conceito de *network bricolage* — ou bricolagem de rede — refere-se à reconfiguração estratégica de laços sociais preexistentes com o objetivo não apenas de acessar recursos disponíveis, mas também de criar novos a partir da heterogeneidade dessas conexões, dessa forma nota-se que a reconfiguração acontece frente à escassez de recursos e destaca que as novas parcerias surgem devido à limitação de recursos, como relatam os moradores:

[...] os custos são altos. Principalmente no material, na parte de alimentação. Nós tentamos sempre barganhar com o povo da comunidade, como o camarão. Com os moradores da ilha, nós compramos marisco. Então nós tentamos sempre barganhar, conversar para diminuir o preço para nós. Porque nós estamos mostrando a comunidade para o pessoal de fora, que o pessoal de fora vai girar a renda para a ilha [...] (Entrevistado E6).

Nós mesmos temos um hostel. Nós temos o hostel. Onde tinha cerca de 15 estrangeiros de vários países. [...]. A empresa onde eles contrataram para manter a instituição, criar um contrato da gente com a empresa para estar na ilha. Não mandou o dinheiro. Enviou o dinheiro para fazer a feira, comprar o gás, tudo. E nós, eu e Fábio, tivemos que tirar do nosso próprio bolso para amenizar aquela situação que estava em uma situação muito difícil. Onde tinha que comprar gás, fazer feira (Entrevistado E3).

No âmbito do turismo de base comunitária, essa perspectiva revela-se fundamental para a consolidação de parcerias entre moradores, instituições culturais e órgãos públicos. Como destacam Baker, Miner e Eesley (2003), redes pessoais e profissionais constituem fontes vitais de clientes, fornecedores e suporte — vínculos que são notoriamente evidentes em comunidades engajadas no desenvolvimento de iniciativas turísticas locais.

No caso específico da comunidade da Ilha de Deus, a incorporação dessa lógica relacional resultou em inovações contextuais relevantes. A reestruturação das redes sociais e o engajamento ativo de atores locais favoreceram uma nova percepção da comunidade, marcada por uma redução nos índices de violência e pela associação a processos de transformação social positiva. As alianças estabelecidas fortaleceram o reconhecimento das ações comunitárias como catalisadoras de mudança, integrando aspectos de segurança pública, valorização cultural e engajamento social (Lins, 2021) e reforçam as oportunidades de alavancagem educacional citadas, esse entendimento está alinhado aos achados:

Na comunidade periférica, altamente reconhecida como Ilha Sem Deus, com tanta violência e tudo mais, você não tinha, a maioria das pessoas analfabetas ou semianalfabetas, não tinha como você ter outra visão a não ser desenvolver o turismo local para atrair renda. Mas aí você tinha que capacitar todo mundo. Capacitar marisqueiras, capacitar para ser cozinheira, para trabalhar com artesanato. Tinha que montar um arranjo produtivo. Isso foi o que me levou a trabalhar com o turismo na Ilha de Deus. Não tinha outra opção (Entrevistado E2).

Complementarmente, Korsgaard, Müller e Welter (2021) introduzem o conceito de *spatial bricolage* no contexto de empreendimentos de pequeno porte, especialmente em áreas rurais e no setor turístico. Os autores evidenciam a capacidade de reinterpretar criativamente recursos locais — sejam eles: ambientais, históricos ou culturais — para geração de valor e renda. Além da reutilização espacial, a bricolagem também envolve a criação de modelos de negócio inovadores, caracterizados pela integração de múltiplas fontes de receita. Nesse sentido, o estudo de Thomas, Shaw e Page (2020) demonstra que operadores rurais frequentemente combinam atividades como hospedagem, alimentação, produção artesanal e experiências educativas para diversificar suas fontes de renda e ampliar a resiliência econômica. Essa lógica se alinha ao conceito de *differentiation bricolage*, proposto por Thomas, Shaw e Page (2020) que descrevem a capacidade de produzir ofertas singulares a partir de recursos disponíveis. Os achados corroboram essa perspectiva:

Existe dificuldade. Mas para mim, meu objetivo é sempre arrumar uma solução para aquilo que for posto na minha frente. Eu estou querendo me movimentar. Eu sou barbeiro. Eu corto o cabelo, faço um evento. Faço turista para cortar o cabelo. Faço um evento para eles cozinhare. Então, nós sempre procuramos uma solução para cada dificuldade. Nós sempre vamos procurar uma solução, sempre solução, solução, solução. Porque viver de ONG, viver de turismo de várias comunidades é difícil. (Entrevistado E4).

Essa dinâmica favorece colaborações entre guias locais, responsáveis por patrimônios históricos e outros membros da comunidade, impulsionando a criação de narrativas turísticas autênticas, ancoradas nos saberes e práticas locais. Além disso, as parcerias fomentadas por meio dessas estratégias contribuem para a geração de novas fontes de renda, à medida que a visibilidade obtida com a inovação contextual amplia o alcance da atividade turística.

A bricolagem também se manifesta na produção de bens com base em insumos acessíveis, como evidenciado por Mair e Martí (2009), que cunharam o termo *ideational bricolage* para descrever a recombinação de práticas tradicionais e culturais com o objetivo de agregar valor aos produtos artesanais em contextos rurais. No campo do turismo comunitário, estudo como de Ferreira e Teixeira-da-Silva (2019) reforça essa perspectiva, mostrando como a articulação entre turismo e produção artesanal viabiliza modelos econômicos sustentáveis e enraizados nas comunidades.

Outro aspecto relevante refere-se à presença da bricolagem digital, especialmente nas estratégias adotadas para impulsionar o turismo e o consumo na Ilha de Deus. Nessa dimensão, comunidades tradicionais passam a utilizar redes sociais digitais não apenas como ferramentas operacionais, mas como espaços de ressignificação simbólica, onde saberes locais são hibridizados com tecnologias globais, dando origem a novas formas de valorização territorial (Pires, 2021). A esse respeito, há o seguinte relato:

[...] Então, usar o que eu tenho em mãos. Eu peguei um celular, comecei com uma colega minha e eu tive uma ideia de ir para dentro do mangue numa montanha de casca de marisco. Comecei a jogar as caixas para cima e ela filmando. Então, essa filmagem se espalhou. Entrei no meu status e espalhou essa filmagem. Através dessa filmagem, eu recebi encomendas (Entrevistado 5).

No entanto, parte da literatura crítica adverte sobre os riscos de cooptação managerialista, nos quais plataformas digitais são apropriadas por lógicas empresariais hegemônicas, resultando na descaracterização dos princípios fundamentais do turismo de base comunitária — como a autogestão, a distribuição equitativa dos recursos e a preservação das expressões culturais (Salazar, 2012; Blackstock, 2005a; Shepherd, 2002). Como alternativa, pesquisadores propõem a adoção de uma intermediação crítica, ou seja,

um processo em que as comunidades negociam sua inserção no mercado turístico sem se subordinar a modelos externos, mantendo o controle sobre suas narrativas e sobre os fluxos econômicos por meio da bricolagem institucional (Salazar, 2012; Geddes, 2005; Timothy, 2007). Essa perspectiva reforça a ideia de que a sustentabilidade no turismo comunitário depende da construção de infraestruturas de mediação assimétricas, em que o conhecimento tradicional atua como força de resistência à homogeneização mercadológica, convertendo as redes sociais em arenas de afirmação cultural (Salazar, 2012; Okazaki, 2008; Blackstock, 2005b).

Quem vende, quem ganha o dinheiro é a comunidade. Eu não tenho empresário lá fazendo turismo de base comunitária, a comunidade produz, comercializa e recebe. Então como é isso, ela não chama a atenção de investidores. Então você tem que dar o seu jeito, você tem que realmente correr atrás e dar o seu jeito para realizar (Entrevistado E5).

No entanto, Salazar (2012) alerta que a expansão comercial pode diluir características culturais únicas se não houver controle comunitário. Dessa forma, na literatura argumenta-se que o TBC funciona como uma ferramenta de dupla face no que tange ao patrimônio cultural. Por um lado, possui um imenso potencial para promover a valorização da identidade cultural e a conservação de práticas, saberes e monumentos que, de outra forma, poderiam se perder (Shepherd, 2002; Salazar, 2012). Ao gerar valor econômico para a cultura, o TBC cria incentivos para sua preservação. Por outro lado, o modelo carrega o risco inerente da comodificação cultural, processo pelo qual tradições sagradas, rituais significativos ou expressões artísticas complexas são retiradas de seu contexto original, simplificadas e transformadas em meras mercadorias para consumo turístico (Cohen, 1988; Shepherd, 2002).

A prática da bricolage aplicada à reutilização de recursos naturais é fundamental para pequenos empreendimentos turísticos comunitários enfrentarem cenários de escassez. Thomas, Shaw e Page (2020) introduzem o conceito de *spatial bricolage*, apontando que microempresas rurais recorrem a elementos de seu entorno — como imóveis abandonados, paisagens negligenciadas e flora nativa — reinterpretando-os como recursos estratégicos para experiências turísticas inovadoras.

Esse processo envolve transformar um espaço existente sem necessidade de construir infraestrutura do zero, promovendo sustentabilidade ambiental e autenticidade cultural. Em diversos casos estudados, trilhas, edifícios em desuso e formações naturais passaram a oferecer valor turístico agregado, integrando ecologia local e narrativa histórica ao visitante. Essa abordagem, além de reduzir custos, fortalece a identidade

comunitária e minimiza impactos ambientais — como mostram estudos de Nguyen e Kull (2022) no Vietnã, Gholitabar e Costa (2018) em Famagusta.

Paralelamente, evidências de estudos de empreendedorismo ambiental mostram que a reutilização de subprodutos naturais — como aparas de madeira, resíduos agrícolas e biomassa — pode se tornar fonte de geração de renda e reflexão ambiental (Musona et al., 2020). No contexto do turismo comunitário, essa lógica de “waste bricolage” permite o surgimento de oficinas de artesanato, mobiliário sustentável e produtos de baixo custo, aumentando a renda local e estimulando a conscientização ambiental. Esse tipo de bricolagem não apenas agrega valor econômico, mas também fortalece a narrativa da comunidade como guardiã de práticas responsáveis frente à natureza, como destaca o participante: “[...] olha, eu trabalho com a caixa do marisco, a caixa de sururu, lata velha, vidro velho, papelão. É assim, o que eu vejo que dá pra fazer artesanato, eu estou levando” (Entrevistado E5). Nesse mesmo sentido, há a seguinte expressão:

Nós trabalhamos com artesanato sustentável. Então, a gente usa muita casca de sururu, casca de marisco. Usa muito tampinha de garrafa. Usa tudo que você achar no lixo de colar velho, de brinco, de coisas para fazer quadros, fazer uma série de coisas. Nós temos artesãos em todos os níveis (Entrevistado E7).

Na mesma ótica de oportunidades a partir da escassez de recursos, observa-se que a escassez também permite uma ampliação da visão, sem o uso de concepções. Messori (2022) defende que iniciar com uma tela em branco, sem pressuposições, é essencial para ideias disruptivas, nesse sentido, a recusa a limitações (*refusal to enact limitations*) é entendida como a capacidade do *bricoleur* de desconsiderar normas, convenções e padrões percebidos como barreiras, reinterpretando o que constitui “recursos disponíveis” no seu ambiente imediato, rompendo padrões sociais ou técnicas convencionais (Yachin; Ioannides, 2020; Suomi; Aro, 2025). Corroborando essa visão, nota-se a reutilização de materiais naturais que antes seriam descartados e geram o desenvolvimento de produtos artesanais:

[...] E eu passando, certo dia, assim, na beira do caminho, na estrada, e vendo aqueles mariscos jogados fora. Então eu comecei a pensar, eu acho que com essas casquinhas dá para fazer alguma peça. Dá para fazer alguma coisa com essas casquinhas que estão sendo jogadas fora. Então aquilo ali me despertou o desejo de fazer alguma peça com aquelas casquinhas que estavam no lixo (Entrevistado E2).

A relação entre a bricolagem e o Turismo de Base Comunitária (TBC) na preservação de recursos naturais se materializa como uma estratégia de inovação sustentável, em que a escassez se torna um catalisador para a conservação. Essa abordagem, que pode ser definida como uma “bricolagem ecológica”, alinha-se ao

conceito de "virar-se com o que tem" de Baker e Nelson (2005), ao incentivar as comunidades a reutilizarem criativamente os recursos disponíveis. Na prática, isso se traduz na transformação de materiais naturais abundantes (como sementes, folhas e madeira caída) e resíduos sólidos em produtos artesanais de valor agregado. Esse processo não apenas gera renda, mas também incorpora os princípios da economia circular, como observado por Witjes e Langedijk (2023), diminuindo o descarte de resíduos e a pressão pela extração de matérias-primas virgens.

Ao desenvolverem esses produtos, as comunidades mobilizam seu capital cultural e o conhecimento ecológico tradicional, transformando saberes ancestrais sobre a biodiversidade em um ativo econômico e uma ferramenta de conservação, como apontado por Lima, Irigaray e Gomes (2019). A criação de artesanato a partir de recursos locais ressignificados reforça a identidade do território e constrói uma narrativa autêntica de sustentabilidade que é, em si, um atrativo turístico. Dessa forma, a bricolagem fortalece a resiliência das organizações de TBC (Valente; Dantas; Diniz, 2016), demonstrando que o desenvolvimento econômico local pode estar intrinsecamente ligado à valorização e à proteção do patrimônio natural, como destaca o morador:

Porque ao limparmos os rios, os trabalhadores têm a oportunidade de atuar e garantir seu sustento — não com a pesca de crustáceos, mas com a pesca do lixo — contribuindo para tornar Recife, essa ilha, um lugar melhor. Essa foi uma das maiores ações que realizamos (Entrevistado E6).

No entanto, Angeloni (2013) alerta que a expansão comercial pode diluir características culturais únicas se não houver controle comunitário. Dessa forma, a literatura indica que o TBC funciona como uma ferramenta de dupla face no que tange o patrimônio cultural. Por um lado, possui um imenso potencial para promover a valorização da identidade cultural e a conservação de práticas, saberes e monumentos que, de outra forma, poderiam se perder (Shepherd, 2002; Salazar, 2012). Ao gerar valor econômico para a cultura, o TBC cria incentivos para sua preservação. Por outro lado, o modelo carrega o risco inerente da commodificação cultural, processo pelo qual tradições sagradas, rituais significativos ou expressões artísticas complexas são retiradas de seu contexto original, simplificadas e transformadas em meras mercadorias para consumo turístico (Cohen, 1988; Shepherd, 2002).

A participação nos eventos favorece a criação de redes externas de relacionamento, importantes para a sustentabilidade do turismo comunitário. De acordo com Baker e Nelson (2005), a bricolagem relacional permite que empreendedores rurais

mobilizem recursos externos e absorvam conhecimento — essenciais para inovação contínua. Essa articulação entre atores locais e agentes externos em feiras ou festivais resulta em co-criação de produtos turísticos, intercâmbio de práticas e acesso a novos públicos, fortalecendo a imagem da comunidade em escala regional e nacional.

Além de potenciais negócios, a visibilidade externa promove impactos simbólicos profundos. Eventos comunitários e a participação em ambientes de destaque elevam o prestígio local, fortalecendo a autoestima dos empreendedores e da comunidade, como evidenciam estudos sobre pequenas festividades artísticas que reforçam o "pride" comunitário (Bakas et al., 2019). Esse reconhecimento simbólico funciona como capital social, que por sua vez retroalimenta a capacidade de atração de recursos e novas oportunidades, gerando um ciclo virtuoso de desenvolvimento local e sustentabilidade. No cenário de limitação extrema de marketing e comunicação, a participação em feiras de turismo, artesanato ou economia solidária é uma estratégia de bricolagem por excelência, conforme expressado:

O que me deixa muito feliz, eu e todo o grupo, o Instituto Negralinda, neste instante você estava falando e agora de noite o pessoal da Globo ligou para mim, ontem, dizendo assim: 'a gente vai para a Ilha de Deus, você está na Ilha de Deus?' Eu digo: 'não, eu estou em Tamandaré. Quem está na Ilha de Deus é a chefe, com o pessoal lá e tal.' Ai, não, é porque nós vamos fazer um programa exclusivo lá na Ilha de Deus, não sei quantos anos na rede Globo e tal. Quem é que eu procuro? Tem alguém que ficou lá que eu posso procurar? Eu digo: 'tem. Tem o pessoal do Fenearte, tem o pessoal do isso, o pessoal daquilo. Todos foram meus alunos e hoje eles estão lá fazendo turismo de base comunitária. Para eles ainda dá, porque o valor é pequeno, mas dá para ajudar eles. Para mim não dá mais, porque quanto mais você vai crescendo, o grupo vai crescendo, tudo vai crescendo, você vai procurando (Entrevistado E7).

A comunidade "rejeita a limitação" de não poder pagar por campanhas publicitárias convencionais e, em vez disso, utiliza o espaço físico e temporal de um evento para improvisar, interagir diretamente com o público, construir redes e comercializar seus produtos e serviços. A comunidade, ao enfrentar restrições financeiras que impossibilitam investimentos em campanhas publicitárias convencionais, adota estratégias de bricolagem coletiva para promover iniciativas turísticas. Segundo Jørgensen et al. (2021), a bricolagem coletiva no contexto do turismo de base comunitária envolve o uso criativo e adaptativo de recursos disponíveis para desenvolver soluções inovadoras que atendam às necessidades da comunidade. Essa abordagem permite que as comunidades transformem limitações em oportunidades, criando produtos e experiências turísticas autênticas que refletem sua cultura e identidade. Além disso, a bricolagem coletiva fortalece o capital social, promovendo a colaboração e a confiança mútua entre

os membros da comunidade, o que é essencial para a sustentabilidade e o sucesso das iniciativas de TBC.

A persuasão, dimensão central da bricolagem social, é a principal ferramenta nesse contexto. Os representantes da comunidade presentes no evento precisam articular de forma eficaz a história de seu projeto, seu valor social, a autenticidade de sua cultura e a qualidade de experiências para atrair a atenção de clientes, operadores turísticos, mídia e potenciais parceiros. A simples presença em um evento de prestígio, muitas vezes viabilizada por parcerias, já confere um selo de legitimidade – um recurso intangível de grande valor, adquirido pela bricolagem, conforme evidenciado:

Nós trabalhamos com artesanato sustentável. Então, a gente usa muita casca de sururu, casca de marisco. Usa muito tampinha de garrafa. Usa tudo que você achar no lixo de colar velho, de brinco, de coisas para fazer quadros, fazer uma série de coisas. Nós temos artesãos em todos níveis. Então, esses artesãos hoje, eles já participam de feiras, de eventos, de Fenearte, Agronordeste, justamente utilizando esse material reciclável. Que é muito importante para o meio ambiente, né? Até porque nós temos vários projetos de meio ambiente também. Então, nós temos que dar essa [...]. E a gente usa muito isso aí (Entrevistado E7).

Os resultados demonstram que a bricolagem empreendedora na Ilha de Deus se manifesta como uma potente força transformadora, convertendo a escassez em motor para a inovação em múltiplas frentes: da capacitação educacional à criação de novas fontes de renda e parcerias. Contudo, essa notável resiliência opera sob a lógica de precariedade que funciona como uma faca de dois gumes. Por um lado, fomenta a autonomia criativa e soluções adaptadas à realidade local; por outro, arrisca normalizar a negligência estrutural, absolvendo atores externos e institucionais da sua responsabilidade de prover recursos e infraestrutura adequados. A celebração da capacidade de “virar-se com o que tem” pode, paradoxalmente, mascarar e perpetuar as próprias condições de vulnerabilidade que a tornam necessária, gerando novas hierarquias informais em vez de empoderamento comunitário amplo e sustentável.

Adicionalmente, a sustentabilidade de longo prazo dessas práticas é uma questão crítica. A constante necessidade de improvisação e a pressão para gerar soluções imediatas impõem um fardo significativo sobre a comunidade, podendo levar ao esgotamento e a conflitos internos, especialmente se os benefícios gerados não forem distribuídos de forma percebida como justa (Angessa *et al.*, 2022). O desafio fundamental, portanto transcende a mera aplicação de táticas de sobrevivência. Consiste em canalizar a agência e o capital social, construídos por meio da bricolagem, para uma ação estratégica e coletiva. A transição da bricolagem de sobrevivência para uma

bricolagem de transformação exige a institucionalização de práticas colaborativas e a utilização da visibilidade conquistada para negociar uma alteração fundamental nas condições de base, buscando não apenas adaptar-se à escassez, mas superá-la estruturalmente (Kelly; Cooper; Pinkerton, 2014).

Os dados empíricos — sintetizados nas redes visuais geradas com o ATLAS.ti e triangulados com depoimentos-chave (E2, E3, E5, E6, E7) — articulam-se claramente com as categorias teóricas da literatura sobre bricolagem, permitindo uma leitura causal e conceitual mais robusta: as evidências de barganha e formação de arranjos produtivos sustentam a noção de *network bricolage* (reconfiguração de laços para gerar recursos), as práticas de reaproveitamento de cascas e materiais ilustram *spatial* e *waste bricolage* (reinterpretação de elementos locais como insumos turísticos), enquanto o uso de celulares e redes sociais para promover produtos configura uma dimensão de *digital bricolage* que hibridiza saberes locais com tecnologias globais. Ademais, as “pequenas capacitações” e o relato sobre reconhecimento profissional validam o papel da bricolagem do conhecimento como processo *bottom-up* de aprendizagem prática e experimentação (improvisação empreendedora), ao mesmo tempo em que os fragmentos textuais e a coocorrência de códigos apontam para efeitos ambíguos, quais sejam: incremento de capital humano e visibilidade simbólica versus risco de comodificação cultural e normalização da precariedade. Em termos teóricos, portanto, os achados indicam que a bricolagem funciona como um mecanismo mediador entre escassez e inovação — isto é, converte recursos limitados em valor social e econômico —, mas sua capacidade transformadora depende de condições institucionais que evitam a reprodução de vulnerabilidades; assim, propõe-se que futuras formulações teóricas incorporem explicitamente a dimensão temporal (sustentabilidade da bricolagem) e a necessidade de institucionalização para que a bricolagem evolua de estratégia de sobrevivência para vetor de transformação estrutural.

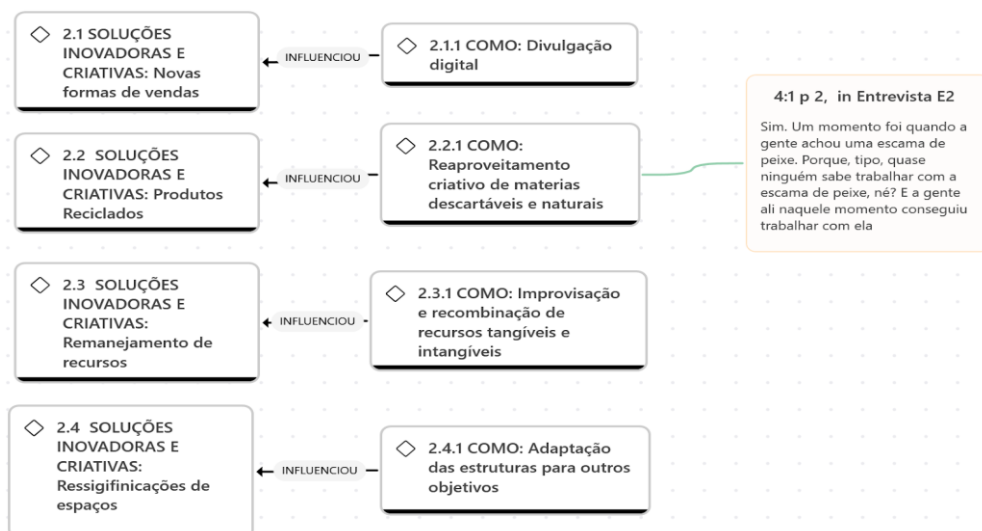
4.3 Soluções inovadoras e criativas a partir das limitações de recursos

Esta seção tem como propósito atender ao segundo objetivo específico que possui o intuito de compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus. Para tanto, busca-se entender como os moradores, diante da escassez de recursos financeiros, institucionais e materiais mobilizam conhecimentos locais, redes sociais, criatividade e práticas colaborativas para estruturar e manter as iniciativas turísticas.

A Ilha de Deus, formada nas margens de manguezais urbanos, foi historicamente marcada pela escassez de infraestrutura básica, isolamento geográfico e vulnerabilidade socioambiental, condições que geraram tanto estigmas quanto déficits de acesso a políticas públicas (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2023). No entanto, a comunidade, por meio da ONG Saber Viver — com apoio institucional desde a década de 1980 — lançou-se no campo do TBC por volta de 2011, criando produtos turísticos como passeios de catamarã, vivências gastronômicas, oficinas culturais e hospedagens coletivas (Graciano; Holanda, 2021). Essas experiências revelam como as restrições foram convertidas em oportunidades de inovação local.

Na Figura 4, pode-se identificar quatro soluções inovadoras e criativas que foram fomentadas pela bricolagem no contexto do turismo de base comunitária, quais sejam: novas formas de venda, produtos reciclados, remanejamento de recursos e ressignificações de espaços. Cada uma dessas soluções evidencia como os moradores, diante das limitações, mobilizam práticas adaptativas para estruturar e manter as iniciativas turísticas, demonstrando que a escassez, longe de paralisar, pode atuar como catalisadora de inovação.

Figura 4 - Soluções inovadoras e criativas a partir da limitação de recursos



Fonte: Elaboração própria (2025)

Diante da escassez e dos recursos naturais, nota-se que a bricolagem aplicada à divulgação digital no turismo de base comunitária surge como resposta criativa à ausência de orçamentos robustos e estruturas salariais tradicionais. Clough et al. (2019) identificam

essa prática como *media bricolage* ou *network bricolage*, na qual micro e pequenas iniciativas rurais utilizam redes sociais, WhatsApp, blogs e canais locais para promover suas atividades, adaptando improvisadamente ferramentas digitais disponíveis às suas próprias necessidades e cultura (Yachin; Ioannides, 2021). Suomi, Lemmetyinen e Franzén (2024) reforçam essa abordagem como *entrepreneurial branding bricolage*, evidenciando o uso adaptativo dos meios digitais nas estratégias de visibilidade.

Essa estratégia traz benefícios práticos e simbólicos, ampliando o alcance público, promovendo comunicação direta e abrindo espaço para feedback em tempo real. Chang *et al.* (2024) mostram que esses empreendedores testam pacotes numa escala menor, ajustando preços e experiências conforme recebem retorno imediato. Além disso, Palaniswamy (2021) comprova que, mesmo de forma minimalista, o marketing em redes sociais fortalece a marca, captura fidelidade e dinamiza relacionamento, sem exigir grandes investimentos (Palaniswamy, 2021), como destaca o entrevistado:

Então, usar o que eu tenho em mãos. Eu peguei um celular, comecei com uma colega minha e eu tive uma ideia de ir para dentro do mangue numa montanha de casca de marisco. Comecei a jogar as caixas para cima e ela filmando. Então, essa filmagem se espalhou. Entrei no meu status e se espalhou essa filmagem. Através dessa filmagem, eu recebi encomendas (ENTREVISTADO E3).

No entanto, a vulnerabilidade da estratégia torna-se evidente diante da possibilidade de instabilidade em plataformas digitais. Palaniswamy (2021) alerta que mudanças nos algoritmos, políticas de visibilidade ou saturação de conteúdo podem reduzir drasticamente o alcance orgânico, colocando em risco a imagem e a autonomia da comunidade. Essa fragilidade é agravada se a comunidade não dispuser de controle sobre seu conteúdo, o que pode resultar em mensagens desalinhadas com a identidade cultural ou na banalização de seus valores.

Nesse sentido, a convergência entre bricolagem digital e formação estruturada revela caminhos promissores para fortalecer o TBC. Por sua vez, Alford e Jones (2024) argumentam que o *digital entrepreneurial marketing bricolage* — quando guiado por visão estratégica — promove autonomia digital, profissionalização e sustentabilidade a longo prazo, preservando a essência comunitária.

De forma complementar à comunicação digital, a bricolagem também se manifesta de maneira criativa na produção de souvenirs a partir de materiais reciclados. A bricolagem aplicada à criação de produtos reciclados no TBC emerge da necessidade de ampliar as fontes de renda sem depender de insumos externos caros. Com base em

Domenico, Haugh e Tracey (2010) e estudos sobre *social bricolage*, comunidades rurais transformam resíduos locais — como cascas de frutas, restos de madeira ou plásticos descartados — em souvenirs autênticos, unindo valor cultural a sustentabilidade ambiental. Esse processo representa uma forma de *ideational bricolage*, em que ideias e materiais são reinventados para atender demandas turísticas com criatividade adaptativa (Mateus; Sakae, 2014). Clough *et al.* (2019) observam que, nesses cenários, a capacidade de recombina recursos locais é central para transformar resíduos em valor econômico e cultural, fator notado na fala do habitante da ilha:

Há um momento que eu tive [...]. Então, eu passei na estrada e vendo as cascas lá entrando, eu peguei as cascas e comecei a fazer as peças. Nesse momento despertou em mim o desejo de fazer alguma coisa. E a criatividade, né, a partir desse momento (Entrevistado E1).

Além do aspecto econômico e ambiental, a produção artesanal a partir de recicláveis fortalece a identidade cultural das comunidades. Ao incorporar elementos simbólicos, padrões ou histórias locais nas peças recicladas, as comunidades fazem *storytelling* nos produtos — aspecto destacado por Korsgaard, Müller e Welter (2021) em relação ao termo *spatial bricolage*. Assim, o souvenir não é apenas um objeto, mas mediador cultural que agrega sentido e narrativa ao visitante, potencializando seu valor, conforme detalhado:

[...] no caso da casca do marisco, a gente espera as pessoas chegarem da maré com a casca do marisco, para poder a gente pegar, para poder usar aquele pouco que vem, né? Porque nem todas as cascas vão prestar para fazer o artesanato. (Entrevistado E4)

Por fim, a geração de produtos reciclados por bricolagem promove inclusão social e emprego local. Em Chã de Jardim (Paraíba, Brasil), por exemplo, as mulheres envolvem-se diretamente no artesanato de resíduos naturais, articulando renda com protagonismo comunitário no TBC (Oliveira, 2022). Isso evidencia o papel da bricolagem como ferramenta de desenvolvimento local multifacetado, com impacto econômico, ambiental e social, como destaca a entrevistada: “[...] Porque a gente está trabalhando com o nosso próprio sustento, que vai para a mesa da gente, e dali a gente faz uma peça que vai lembrar você do lugar que você foi passear” (Entrevistado E8).

A natureza participativa e adaptativa dessas práticas ilustra como a bricolagem funciona como catalisadora de inovação, permitindo que a comunidade explore e valorize seus próprios ativos — físicos, simbólicos e sociais — promovendo inclusão, autonomia e desenvolvimento local sustentável.

Ao lado da produção artesanal, a capacidade de articular e redistribuir recursos escassos reforça outro aspecto importante da bricolagem: sua dimensão organizacional e social. Bacq et al. (2015) demonstram que organizações com princípios de empreendedorismo social aproveitam recursos disponíveis — conhecimento tradicional, redes de confiança e cooperação voluntária — para estruturar negócios resilientes em ambientes de escassez. No contexto comunitário, isso se traduz na integração de habilidades locais, liderança comunitária e capital simbólico para institucionalizar iniciativas turísticas com autenticidade e baixo custo.

Porque nós limpando os rios, nós vamos vender os trabalhadores, vão trabalhar, vão ganhar o seu salário, não da pesca de crustáceo, mas da pesca de lixo, fazendo um Recife, uma ilha melhor. Essa foi uma das maiores atividades que nós tivemos (ENTREVISTADO E5).

Entretanto, estudos mostram que essa autossuficiência pode gerar desafios. Mzembe et al. (2019) ressaltam que, ao depender exclusivamente de recursos internos, comunidades ficam vulneráveis à ausência de apoio técnico, capacitação formal ou acesso a fontes externas de financiamento, limitando sua capacidade de crescer e inovar, tal processo é evidenciado por diversos moradores, a saber: “Porque eu tinha que colocar o meu recurso que fazia as coisas, eu tinha que tirar ele de casa mesmo, comprar um pão, tinha que tirar daquilo pra colocar” (ENTREVISTADO E2).

Veja só, a falta de dinheiro, dinheiro para a ONG, para a instituição, já é uma coisa muito difícil. Porque nós não temos as ajudas do governo. Aí já é algo muito difícil. Aí o que nós fazemos? Muitas das vezes nós fazemos o balanceamento. Viramos daqui para cobrir ali, viramos dali para cobrir aqui (ENTREVISTADO E3).

Essa limitação evidencia que, embora o remanejamento de recursos seja crucial para a sustentação inicial, ele não substitui a necessidade de parcerias que promovam o aumento de escala e sofisticação das práticas, como destaca outro entrevistado:

Ajuda, parceria. Porque muita gente vem para a Ilha de Deus só para ganhar em cima da Ilha de Deus, mas ajudar de fato são poucas pessoas. Nós temos o time de base comunitária, nós temos vários projetos. Nós também temos [...] o reforçamento do manguezal (ENTREVISTADO E5).

Esse ato de remanejamento de recursos deve ser entendido como uma forma de bricolagem social, cujo impacto transcende a simples gestão financeira. Ao combinar pequenos recursos individuais para criar um capital coletivo, a comunidade não está apenas comprando materiais, ela está ativamente construindo e solidificando confiança, reciprocidade e normas de cooperação.

É, ajudou. Ajudou. Porque mesmo assim, faltando, a gente sempre dá um jeitinho. Porque quando tem uma colega que tem material e a gente pede emprestado, uma cola, no caso, emprestado à colega, aí continua a minha peça, continua fazendo. Não desisto. Eu continuo insistindo e não desisto de fazer aquilo que eu gosto de fazer (Entrevistado E4).

O recurso à mão, nesse caso, não é apenas o pequeno excedente financeiro de cada membro, mas a própria estrutura da associação e os laços de confiança preexistentes. A recombinação é o acordo coletivo de criar e gerir o fundo comum. O resultado imediato é um recurso financeiro tangível, mas o resultado de segunda ordem, e talvez o mais vital para a sustentabilidade de longo prazo da iniciativa, é o fortalecimento do capital social. É esse capital social – a capacidade de agir coletivamente para objetivos comuns – que forma o alicerce sobre o qual toda a estrutura do Turismo de Base Comunitária se sustenta, permitindo que a comunidade enfrente desafios futuros de forma mais coesa e resiliente.

Essa lógica colaborativa e adaptativa também se expressa no uso do espaço físico da comunidade. A ausência de uma infraestrutura turística formal, como hotéis e restaurantes padronizados, é uma limitação evidente na maioria das comunidades que desenvolvem o TBC. Contudo, essa carência é superada por meio de um processo criativo de bricolagem espacial, no qual os espaços privados, comunitários e vernaculares são adaptados e ressignificados para se tornarem o próprio cerne da experiência turística. Em vez de construir novas estruturas a partir do zero, a comunidade "se vira com o que tem à mão": suas próprias casas, cozinhas, quintais e territórios, conforme relato:

A estrutura, eu moro em casa alugada e, assim, a casa que eu moro tem um quintal e, nesse quintal, eu boto algumas peças lá para dar acabamento. No caso dos mariscos, como eles vivem com muita lama, eu os levo para esse meu quintal e coloco lá e deixo na água sanitária e, depois, deixo eles lá no solo. Então, sem ter muitos recursos, mas eu tive a oportunidade de ter uma casa que tem um quintal que bate muito sol e eu as deixo secando (ENTREVISTADO E6).

O aspecto mais profundo dessa inovação é a inversão da lógica de valor. Nesse processo, o que inicialmente se apresentava como "limitação" – a falta de um hotel de rede ou de um restaurante com cardápio internacional – é precisamente o que se converte no maior "ativo" da comunidade. A bricolagem espacial não cria um substituto inferior para a infraestrutura convencional; ela gera o produto superior e autêntico que o turista de TBC procura ativamente. A oportunidade de se hospedar em uma casa de família ou de compartilhar uma refeição preparada na cozinha comunitária oferece um nível de autenticidade, conexão humana e "convivencialidade" que é impossível de replicar em

um ambiente comercial padronizado. O processo de bricolagem, ao enxergar o espaço doméstico como um ativo turístico em potencial, não apenas resolve um problema de infraestrutura, mas cria um produto turístico perfeitamente alinhado à sua proposta de valor, transformando o que é cotidiano para a comunidade no que é extraordinário para o visitante, conforme explicado:

Quando estou vendo, eles fazem parte disso, porque eles, muitas das vezes, pegam uma garrafa pet, nós colocamos uma garrafa pet, partimos no meio, eles enchem de areia e botam uma semente de mangue. Eles plantam, eles reflorestam o manguezal (ENTREVISTADO E7).

Outros autores como Lima (2010) destacam a importância de uma liderança local que enfatiza a necessidade do turismo gestado na comunidade contemplar a sua simplicidade e cultura, sob pena de se tornar um simulacro do turismo convencional. Cozinhas comunitárias e espaços de convivência são transformados em locais para vivências gastronômicas, oficinas e trocas culturais, onde o visitante pode participar ativamente da preparação de alimentos ou do artesanato local. A própria arquitetura vernacular, construída com técnicas e materiais tradicionais passados por gerações, deixa de ser apenas um abrigo para ser reconhecida como um patrimônio cultural e um atrativo turístico valioso, objeto de interesse e valorização por parte dos visitantes.

Ademais, mesmo diante de alternativas inovadoras, a escassez de capital financeiro é, talvez, a restrição mais universal e desafiadora para os empreendimentos de TBC. Por operarem em pequena escala e, muitas vezes, em comunidades economicamente marginalizadas, o acesso a linhas de crédito, financiamento e investimento externo é extremamente limitado ou inexistente. Para contornar essa barreira, as comunidades desenvolvem sofisticadas formas de bricolagem organizacional e financeira, criando sistemas coletivos que otimizam o uso de recursos internos e, crucialmente, fortalecem o tecido social.

As evidências apresentadas ao longo deste capítulo demonstram como a bricolagem — compreendida aqui como a arte de "virar-se com o que tem" — não apenas mitiga os efeitos da escassez de recursos na Ilha de Deus, mas transforma essas limitações em motor de inovação, fortalecimento comunitário e geração de valor turístico autêntico. Ao reconfigurar espaços, práticas e materiais, a comunidade da Ilha de Deus ressignifica o próprio conceito de infraestrutura turística. Em vez de replicar modelos convencionais baseados em capital intensivo, ela propõe uma alternativa mais sustentável, participativa e enraizada na cultura local. Como destacam Yachin e Ioannides (2020), esse tipo de

inovação é menos sobre disrupção tecnológica e mais sobre reconfiguração criativa de significados, relações e recursos sociais existentes.

Contudo, embora a bricolagem se revele uma poderosa forma de resistência e inovação, seus limites também são evidentes. A ausência de apoio técnico, instabilidade nas plataformas digitais e dificuldades de acesso a crédito expõem fragilidades estruturais que, se não forem enfrentadas por meio de políticas públicas e parcerias sensíveis à realidade comunitária, podem comprometer a sustentabilidade das iniciativas no longo prazo.

Assim, o que se observa na Ilha de Deus é mais do que um esforço isolado de superação da escassez. Trata-se de uma prática contínua de construção coletiva de um modelo de turismo que valoriza a cultura local, fortalece o capital social e propõe novas formas de desenvolvimento territorial, mesmo em contextos de adversidade. Em última instância, a bricolagem, ao ser apropriada pela comunidade como prática cotidiana, se converte em uma linguagem própria de resistência, inovação e pertencimento.

A análise das redes visuais geradas no ATLAS.ti, articulada com os depoimentos (E1–E8) e com a observação das práticas documentadas na Figura 4, permite formular um entendimento teórico robusto entre evidência empírica e conceitos de bricolagem: os padrões recorrentes de coocorrência de códigos revelam que a recombinação de recursos materiais (ex.: cascas e resíduos), sociais (laços de reciprocidade, arranjos produtivos locais) e digitais (produção amadora de conteúdo, difusão por WhatsApp e redes sociais) converge de forma sistêmica em práticas que podem ser tipificadas como *spatial*, *ideational*, *waste*, *network* e *digital bricolage*. Esses clusters empíricos sustentam a hipótese de que a bricolagem funciona como um mecanismo mediador entre condições de escassez e resultados inovadores: decisões microestruturais rotineiras — remanejamento de pequenas verbas pessoais, utilização de quintais como espaço produtivo, gravações espontâneas com celulares — têm efeitos agregados no capital humano (capacitações informais), visibilidade externa e diversificação de fontes de renda. Ao mesmo tempo, os dados sinalizam limites teóricos e empíricos críticos, como: a eficácia transformadora da bricolagem está condicionada por variáveis moderadoras identificáveis nos dados, em particular o estoque de capital social (densidade e confiança das redes), o grau de institucionalização (presença e funcionalidade da ONG Saber Viver, existência de parcerias formais) e a estabilidade das plataformas digitais utilizadas (vulnerabilidade a mudanças algorítmicas e políticas de visibilidade).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a analisar como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus, investigando a forma como os moradores, confrontados com uma severa escassez de recursos, mobilizam seus ativos locais para criar e sustentar iniciativas turísticas. Os resultados revelam um cenário complexo e dinâmico, em que a limitação se converte, paradoxalmente, em um potente catalisador para a inovação social e o fortalecimento comunitário.

Os principais achados demonstram que a bricolagem na Ilha de Deus não é um ato isolado, mas uma prática multifacetada que se manifesta em diversas dimensões. Primeiramente, a escassez de conhecimento formal foi transformada na alavancagem educacional, com a criação de capacitações informais que valorizam o saber-fazer local e promovem aprendizado coletivo e contínuo. Em segundo lugar, a falta de capital financeiro e material impulsionou a busca por novas parcerias e a reconfiguração de redes sociais (*network bricolage*), permitindo a comunidade barganhar, obter recursos e fortalecer sua legitimidade. A necessidade de diversificar a subsistência levou ao desenvolvimento de novas fontes de renda, que os moradores combinam atividades turísticas com práticas tradicionais, como o artesanato e a barbearia, em um modelo de negócio multifacetado e resiliente.

De forma notável, a bricolagem se manifestou na reutilização de recursos naturais e no reaproveitamento de resíduos (*waste bricolage*), transformando materiais antes descartados, como a casca do marisco, em produtos artesanais de valor agregado e identidade cultural. Essa prática não apenas gera renda, mas fortalece uma narrativa de sustentabilidade. Adicionalmente, a visibilidade externa foi conquistada não por meio de marketing convencional, mas pela participação estratégica em eventos e pelo uso criativo das mídias digitais (*digital bricolage*), em que a comunidade constrói sua própria imagem e atrai visitantes.

Outro achado relevante foi a identificação da **bricolagem coletiva**, que se evidencia quando a comunidade mobiliza esforços conjuntos para lidar com desafios comuns. Essa prática vai além da ação individual e se materializa em iniciativas partilhadas, como a organização de mutirões para preparar espaços comunitários, a divisão de responsabilidades na recepção de turistas e o uso colaborativo de recursos escassos. Tal dinâmica fortalece o capital social e reforça a noção de pertencimento, revelando que a bricolagem, na Ilha de Deus, se constitui também como um processo

comunitário que integra solidariedade, reciprocidade e cooperação. Esse achado dialoga com a literatura que evidencia a bricolagem como um processo socialmente construído e não apenas individual, em que as práticas coletivas permitem a transformação de recursos limitados em arranjos inovadores e sustentáveis

As soluções criativas que emergem desse processo são igualmente expressivas. A comunidade desenvolveu novas formas de venda utilizando plataformas digitais de maneira improvisada, ressignificou espaços domésticos e comunitários como infraestrutura turística autêntica e implementou sistemas de remanejamento de recursos coletivos para superar a falta de capital, fortalecendo o capital social e a confiança mútua.

Contudo, este estudo também revela a natureza ambivalente da bricolagem. Se por um lado é uma ferramenta de resiliência, autonomia e inovação, por outro, opera sob uma lógica de precariedade que arrisca normalizar a negligência estrutural. A celebração da capacidade de "virar-se com o que tem" não pode mascarar a ausência de políticas públicas eficazes e de apoio institucional consistente. A constante pressão pela improvisação impõe um fardo pesado sobre a comunidade, podendo levar ao esgotamento e aprofundar desigualdades internas.

Como contribuições para a literatura acadêmica, observa-se que este estudo apresenta a análise entre o Turismo de Base Comunitária e a Bricolagem Empreendedora, relação que se demonstra incipiente na literatura estudada, ainda mais em comunidades ribeirinhas na região nordeste do país. Este estudo amplia o entendimento sobre a bricolagem empreendedora no contexto do TBC, revelando como comunidades em situação de escassez mobilizam recursos simbólicos, ecológicos, digitais e relacionais para estruturar e sustentar práticas turísticas autônomas. A pesquisa destaca o papel estratégico da bricolagem não apenas como mecanismo de sobrevivência, mas como vetor de inovação social e fortalecimento da economia solidária em territórios periféricos urbanos, a exemplo da Ilha de Deus, no Recife.

No que tange à ampliação do conhecimento, esta pesquisa propõe que a bricolagem empreendedora seja compreendida como prática coletiva, e não apenas individual, desafiando abordagens convencionais centradas em agentes isolados. A partir disso, sugere-se realizar estudos futuros para compreender o aprofundamento da relação entre bricolagem no papel das práticas de inovação frugal no fortalecimento da autonomia comunitária, além de estudar os efeitos da exposição turística sobre as identidades locais e os riscos de mercantilização das culturas tradicionais. Pesquisas etnográficas podem

explorar como comunidades lidam com as tensões entre autenticidade, mercado e representação, bem como os mecanismos de proteção cultural disponíveis.

No que se refere às limitações desta pesquisa, observou-se que alguns entrevistados evitaram compartilhar determinadas dificuldades, motivados pelo receio de expor falhas perante parceiros estratégicos ou de gerar conflitos de identidade no âmbito comunitário. Além disso, houve entraves relacionados ao acesso aos trabalhadores locais, que frequentemente não dispunham de tempo para responder às perguntas. A etapa de marcar as entrevistas também se mostrou um desafio, uma vez que não era possível reunir todos participantes simultaneamente, tornando o processo dependente de oportunidades pontuais de encontro. Soma-se a isso a escassez de fontes secundárias diretamente voltadas ao Turismo de Base Comunitária (TBC) na Ilha de Deus, dado que a maioria das referências existentes enfatiza predominantemente a representação da comunidade a partir de sua historicidade marcada pela violência, em detrimento da análise de suas práticas turísticas.

Em síntese, a experiência da Ilha de Deus ilustra que a bricolagem empreendedora é mais do que uma estratégia de sobrevivência; é uma forma de agência política e cultural. Permite que a comunidade não apenas contorne a escassez, mas construa um modelo de turismo que é economicamente viável, socialmente inclusivo e culturalmente enraizado. O desafio fundamental, portanto, está em transcender a bricolagem de sobrevivência para uma verdadeira transformação, utilizando o capital social e a visibilidade conquistada para negociar uma mudança estrutural nas condições de vulnerabilidade, garantindo que a inovação nascida da necessidade possa florescer em um ambiente de maior equidade e sustentabilidade a longo prazo.

5.1 Implicações para as organizações e políticas públicas

A análise da bricolagem empreendedora na Ilha de Deus oferece lições valiosas que podem orientar ações estratégicas tanto para as organizações comunitárias locais quanto para os formuladores de políticas públicas. As implicações identificadas ao longo do estudo podem ser traduzidas em recomendações práticas para fortalecer o turismo de base comunitária (TBC) de forma sustentável e equitativa.

Para as organizações comunitárias, como ONGs, associações e coletivos, a primeira recomendação é institucionalizar a bricolagem do conhecimento. Embora as capacitações informais e pontuais tenham se mostrado eficazes, é essencial que sejam criados programas internos de mentoria e espaços de aprendizagem contínua, como

universidades livres. Nessas iniciativas, o conhecimento dos mais experientes pode ser formalmente reconhecido e transmitido, evitando a perda de saberes e combatendo a superficialidade das formações, além de promover um processo de ensino crítico e contextualizado. Em paralelo, é importante estrategizar a bricolagem de redes. Isso significa deixar de acionar parceiros apenas em momentos de crise e, em vez disso, mapear e cultivar ativamente alianças estratégicas com universidades, institutos de pesquisa, empresas socialmente responsáveis e outras comunidades engajadas com o TBC. Essa mudança de abordagem busca transitar de relações puramente transacionais para parcerias de longo prazo que promovam inovação, abertura de novos mercados e fortalecimento político por meio do *advocacy*.

Outro aspecto crucial é a criação de fundos comunitários e mecanismos cooperativos. A prática recorrente de arcar com despesas do próprio bolso ou recorrer a empréstimos informais entre colegas revela-se insustentável. Para mitigar esse risco, as associações locais poderiam formalizar a cooperação por meio de fundos rotativos comunitários ou bancos de materiais compartilhados, financiados por uma pequena porcentagem da receita turística. Tais mecanismos poderiam oferecer microcrédito aos membros ou possibilitar compras coletivas de insumos, reduzindo custos e promovendo maior estabilidade.

Também se destaca a necessidade de desenvolver uma estratégia digital autônoma. Oficinas de capacitação em marketing digital com enfoque estratégico — e não apenas usual — podem capacitar os moradores a gerir sua marca de forma mais autônoma, reduzindo a vulnerabilidade a mudanças externas e à intermediação exploratória.

Outra recomendação importante para as lideranças comunitárias é a necessidade de monitorar os impactos da comodificação cultural. É fundamental que se promovam debates internos sobre os limites da exposição cultural ao turismo, definindo de forma participativa quais aspectos podem ser compartilhados com os visitantes e quais devem ser preservados. A elaboração de um código de ética para os visitantes, construído e gerido pela própria comunidade, é uma medida eficaz para mediar essa relação, protegendo o patrimônio imaterial e promovendo o respeito mútuo.

No que diz respeito às políticas públicas, os governos, agências de fomento e órgãos de turismo devem desenvolver linhas de financiamento adaptadas à realidade do TBC. Isso implica reconhecer ativos intangíveis, como o capital social e o conhecimento ecológico tradicional, como garantias válidas nos editais de fomento. Tais políticas

devem adotar critérios mais flexíveis e sensíveis à lógica da economia solidária, valorizando projetos de pequena escala e com gestão comunitária, em vez de exigir os mesmos requisitos de empreendimentos comerciais convencionais, reconhecendo o movimento histórico que cerca grandes partes das comunidades que se utilizam da TBC.

Além disso, é imprescindível investir em infraestrutura básica na Ilha de Deus. A celebração da criatividade comunitária não deve servir como justificativa para a omissão do Estado. Investimentos públicos em saneamento, moradia, segurança e conectividade digital são fundamentais para reduzir as carências estruturais da comunidade. Com a garantia desses direitos básicos, os moradores podem direcionar mais energia à qualificação do produto turístico e menos à resolução de problemas essenciais.

Outra implicação estratégica envolve a reformulação dos programas de capacitação pública. Ao invés de impor modelos prontos e genéricos, como frequentemente ocorre em programas do Sebrae ou de secretarias de turismo, tais iniciativas devem ser co-criadas com a comunidade. Isso significa dialogar com os saberes locais e oferecer ferramentas que complementem as práticas de bricolagem existentes, como gestão financeira, planejamento estratégico e formalização, sempre respeitando as especificidades do território e da cultura local.

É igualmente necessário criar marcos regulatórios de proteção ao TBC. A atuação do Estado deve reconhecer o Turismo de Base Comunitária como uma categoria distinta dentro do setor turístico, com normas próprias que protejam suas especificidades. Isso pode incluir a criação de selos de reconhecimento oficial, a inserção prioritária em materiais promocionais públicos e a formulação de normativas que impeçam a concorrência predatória de grandes operadores, além de proteger o território contra a especulação imobiliária.

Sugere-se, para pesquisas futuras, a realização de estudos comparativos com outras comunidades de Turismo de Base Comunitária (TBC), a fim de verificar em que medida a bricolagem empreendedora se manifesta em diferentes contextos socioculturais. Ademais, investigações longitudinais poderiam contribuir para compreender a evolução das práticas de bricolagem ao longo do tempo, especialmente diante das transformações do mercado turístico e de políticas públicas voltadas para o setor. Também seria relevante ampliar o uso de métodos mistos, integrando abordagens qualitativas e quantitativas, de modo a mensurar com maior precisão o impacto da bricolagem na geração de valor econômico, social e cultural. Por fim, recomenda-se o aprofundamento em estudos que articulem a percepção da comunidade local com a visão de turistas e parceiros

institucionais, possibilitando uma compreensão mais abrangente sobre as potencialidades e desafios do TBC.

Por fim, cabe ao poder público facilitar o acesso da comunidade a mercados de forma justa. O Estado pode funcionar como mediador crítico, conectando a produção turística da Ilha de Deus a canais de comercialização como feiras de economia solidária, compras governamentais e eventos de turismo responsável. Essa inserção, quando promovida com cuidado e sem custos proibitivos, contribui para ampliar a visibilidade externa do território, reforçando a autonomia econômica da comunidade em vez de criar novas formas de dependência.

Em síntese, as implicações apresentadas demonstram que o reconhecimento e o fortalecimento da bricolagem empreendedora no TBC exigem uma atuação articulada entre comunidade e Estado. Essa articulação deve respeitar os saberes locais, enfrentar as desigualdades estruturais e criar condições para que a inovação nasça não apenas da escassez, mas também de oportunidades criadas coletivamente.

REFERÊNCIAS

- ALFORD, P.; JONES, R. Digital entrepreneurial marketing bricolage: shaping technology-in-practice. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 31, n. 4, p. 1038-1061, 2024.
- ANGELONI, S. Cultural tourism and well-being of the local population in Italy. **Theoretical and Empirical Researches in Urban Management**, v. 8, n. 3, p. 17-31, 2013.
- ANGESSA, A. T.; LEMMA, B.; YESHITELA, K.; ENDRIAS, M. Community perceptions towards the impacts of ecotourism development in the central highlands of Ethiopia: the case of Lake Wanchi and its adjacent landscapes. **Heliyon**, v. 8, n. 2, p. e08924, 2022.
- BACQ, S.; OFSTEIN, L. F.; KICKUL, J. R.; GUNDRY, L. K. Bricolage in social entrepreneurship: How creative resource mobilization fosters greater social impact. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v. 16, n. 4, p. 283-289, 2015.
- BAKAS, F. E.; DUXBURY, N.; REMOALDO, P. C.; MATOS, O. The social utility of small-scale art festivals with creative tourism in Portugal. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 10, n. 3, p. 248-266, 2019.
- BAKER, T.; NELSON, R. E. Creating something from nothing: Resource construction through entrepreneurial bricolage. **Administrative Science Quarterly**, v. 50, n. 3, p. 329–366, 2005.
- BAKER, T.; MINER, A. S.; EESLEY, D. T. Improvising firms: Bricolage, account giving and improvisational competencies in the founding process. **Research policy**, v. 32, n. 2, p. 255-276, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTOLHO JR., R. dos S.; CAMPOS, A.; BURSZTYN, I.; EGREJAS, M.; LIMA, R. P. **Relatório técnico-científico**: Marco referencial teórico para o Turismo de Base Comunitária. Rio de Janeiro: UFRJ/Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social, 2011. 28 p.
- BERNARD, H. R. **Research Methods in Anthropology**: qualitative and quantitative approaches. 6. ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2017.
- BHARDWAJ, R.; BINDRA, S.; SINGH, T.; SAHAY, A. Toward a typology of entrepreneurial bricolage and its capabilities. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, v. 16, n. 6, p. 1453-1480, 2024.
- BLACKSTOCK, K. Community-based tourism: pitfalls and potentials. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 13, n. 3, p. 170–183, 2005a.
- BLACKSTOCK, K. A critical look at community based tourism. **Community Development Journal**, v. 40, n. 1, p. 39-49, 2005b.

BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. G.; BARTHOLO, R. **Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

CHANDNA, V. Social entrepreneurship and digital platforms: Crowdfunding in the sharing-economy era. **Business Horizons**, v. 65, n. 1, p. 21-31, 2022.

CHANG, F. Y. M.; WEBSTER, C. M.; ALAM, M. A.; CHIRICO, F. Entrepreneurs' network bricolage: Reconfiguring social ties for resource creation. **Journal of Business Research**, v. 185, p. 114931, dez. 2024.

CHOK, S.; MACBETH, J.; WARREN, C. Tourism as a tool for poverty alleviation: a critical analysis of 'pro-poor tourism' and implications for sustainability. **Current issues in Tourism**, v. 10, n. 2-3, p. 144-165, 2007.

CIAMBOTTI, G.; SGRÒ, F.; BONTIS, N.; ZACCONE, M. Local relationships matter! The impact of intellectual capital on entrepreneurial bricolage in African social entrepreneurs. **Knowledge and Process Management**, v. 28, n. 4, p. 321-330, 2021.

CIBORRA, C. U. **The Labyrinths of Information**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

CIBORRA, C. U. The Platform Organization: Recombining Strategies, Structures, and Surprises. **Organization Science**, v. 7, n. 2, p. 103-118, 1996.

CIDREIRA-NETO, I. R. G.; RODRIGUES, G. G. Governança de turismo de base comunitária e estudo dos entraves para a consolidação de duas comunidades em Recife (Pernambuco, Brasil) sob a luz do Modelo de Análise da Governança. **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 2, p. 367-388, 2023.

CLOUGH, D. R.; FANG, T. P.; VISSA, B.; WU, A. Turning lead into gold: How do entrepreneurs mobilize resources to exploit opportunities? **Academy of Management Annals**, v. 13, n. 1, p. 240-271, 2019.

COHEN, E. Authenticity and commodification in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 15, n. 3, p. 371-386, 1988.

COSTA, V. Conflitos territoriais e turismo na Ilha de Deus. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 22, n. 3, p. 89-105, 2018.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. Sage publications, 2017.

CRUPI, A.; LIU, S.; LIU, W. The top-down pattern of social innovation and social entrepreneurship. Bricolage and agility in response to COVID-19: cases from China. **R and D Management**, v. 52, n. 2, p. 313-330, 2021.

DAVIDSSON, P.; BAKER, T.; SENYARD, J. M. A measure of entrepreneurial bricolage behavior. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 23, n. 1, p. 114-135, 2017.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESA, G. Resource mobilization in international social entrepreneurship: bricolage as a mechanism of institutional transformation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 4, p. 727-751, 2012.

DESA, G.; BASU, S. Optimization or bricolage? Overcoming resource constraints in global social entrepreneurship. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 7, n. 1, p. 26-49, 2013.

DODDS, R.; Ali, A.; Galaski, K. Linking communities to tourism: a critical review. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 24, n. 3, p. 378-397, 2016a.

DODDS, R.; ALI, A.; GALASKI, K. Key elements of success and barriers in community based tourism. **Current Issues in Tourism**, v. 10 p. 1150257, 2016b.

DOMENICO, M.; HAUGH, H.; TRACEY, P. Social bricolage: theorizing social value creation in social enterprises. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 34, n. 4, p. 681-703, 2010.

EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Theory building from cases: Opportunities and challenges. **Academy of Management Journal**, v. 50, n. 1, p. 25-32, 2007.

FERREIRA, E. A. M.; TEIXEIRA-DA-SILVA, R. H. Turismo e patrimônio no município de Ouro Preto/MG: desigualdades territoriais e contradições socioespaciais circundantes aos valores histórico-culturais. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 23, n. 1, p. 92-107, 2023.

FISHER, G. Effectuation, causation, and bricolage: a behavioral comparison of emerging theories in entrepreneurship research. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 36, n. 5, p. 1019-1051, 2012.

FLAMINIANO, J. P. C. Entrepreneurial bricolage: a key to innovation for SMEs in a developing economy. **Small Business International Review**, v. 8, n. 1, e645, 2024.

FRANKLIN, R. bricolage, resource dependence, and the creative destruction of the music industry. **Academy of Management Proceedings**, n. 1, 15264, 2012.

FU, H.; CHEN, W.; HUANG, X.; LI, M.; KÖSEGLU, M. A. Entrepreneurial bricolage, ambidexterity structure, and new venture growth: Evidence from the hospitality and tourism sector. **International Journal of Hospitality Management**, v. 85, 102355, 2019.

GARCÍA-GALLO, M.; RIVERA, J. M.; GARCÍA, J. M. Social customer relationship management and organizational resilience of Brazilian microenterprises during the Covid-19 pandemic. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 23, n. 158, p. 73-84, 2021.

GARUD, R.; KARNØE, P. Bricolage versus breakthrough: distributed and embedded agency in technology entrepreneurship. **Research Policy**, v. 32, n. 2, p. 277-300, 2003.

GEDDES, M. Neoliberalism and local governance: cross-national perspectives and speculations. **Policy Studies**, v. 26, n. 3, p. 359–377, 2005.

GHOLITABAR, S.; COSTA, C. Adaptive Reuse in Cultural Heritage Building. **Revista Turismo & Desenvolvimento (RT&D)/Journal of Tourism & Development**, n. 30, p. 73-91, 2018.

GRACIANO, P. F.; HOLANDA, L. A. de. Governança de Turismo de Base Comunitária e estudo dos entraves para a consolidação de duas comunidades em Recife (Pernambuco, Brasil) sob a luz do Modelo de Análise da Governança. **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 2, p. 367-388, 2021.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Effective evaluation**: improving the usefulness of evaluation results through responsive and naturalistic approaches. Jossey-Bass, 1981.

GUO, H.; SU, Z.; AHLSTROM, D. Business model innovation: The effects of exploratory orientation, opportunity recognition, and entrepreneurial bricolage in an emerging economy. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 33, n. 2, p. 533-549, 2016.

HOU, D.; XIONG, A.; CHEN, L. Executive cognitive ability and business model innovation in start-ups: the role of entrepreneurial bricolage and environmental dynamism. **Frontiers in Psychology**, v. 13, p. 978543, 2022.

ICT (Instituto Costarricense de Turismo). **Certificado de sustentabilidade turística**. 2023. Disponível em: <https://www.ict.go.cr>.

IRVING, M. A. Reinventando a Reflexão sobre o Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I; SANSOLO, D. G. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 108-121, 2009.

ISA (Instituto Socioambiental). **Turismo de Base Comunitária na Amazônia: Caso Mamirauá**. 2019. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org>.

JANSSEN, F.; FAYOLLE, A.; WUILLAUME, A. Researching bricolage in social entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 30, n. 3-4, p. 450-470, 2018.

JØRGENSEN, M. T., HANSEN, A. V., SØRENSEN, F., FUGLSANG, L., SUNDBO, J., & JENSEN, J. F.. Collective tourism social entrepreneurship: A means for community mobilization and social transformation. **Annals of Tourism Research**, v. 88, p. 103171, 2021.

KELLY, G.; COOPER, A.; PINKERTON, E. Social network analysis, Markov Chains and input-output models: combining tools to map and measure the circulation of currency in small economies. **Journal of Rural and Community Development**, v. 9, n. 3, p. 118-141, 2014.

KLERK, S. The creative industries: an entrepreneurial bricolage perspective. **Management Decision**, v. 53, n. 4, p. 828-842, 2015.

KOLB, D. A. **Experiential Learning**: Experience as the Source of Learning and Development. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1984.

KORSGAARD, S.; MÜLLER, S.; WELTER, F. It's right nearby: how entrepreneurs use spatial bricolage to overcome resource constraints. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 33, n. 1-2, p. 147-173, 2021.

KUANKUAN, L.; ZHANG, L. Absorptive capacity, strategic flexibility, bricolage, and product innovation: empirical evidence from Chinese SMEs. **Preprints**, 2022.

KUNZ, J. G. O olhar turístico drone: investigando paisagens e autorrepresentação. **Turismo: Visão e Ação**, v. 26, p. e19969, 2024.

KUSTININGSIH, N.; ANDAYANI, W.; KUSWANDI, K.; SIDARTA, A. L. The mediating role of innovation in the impact of entrepreneurial bricolage on SME performance in the tourism sector. **Edelweiss Applied Science and Technology**, v. 8, n. 6, p. 4349–4361, 2024.

LÉVI-STRAUSS, C. **The savage mind**. University of Chicago Press: Chicago, 1962. Disponível em: <https://web.mit.edu/allanmc/www/levistrauss.pdf>. Acessado em 14 de julho de 2023.

LOUNSBURY, M.; GLYNN, M. A. Cultural entrepreneurship: stories, legitimacy, and the acquisition of resources. **Strategic Management Journal**, v. 22, n. 6-7, p. 545–564, 2001.

LIMA, F. L. A.; IRIGARAY, C. S.; GOMES, R. A. Caracterização e análise do sistema de ATER em três escalas: nacional, estadual e local, com base no estudo de caso da Associação Agroecológica de Teresópolis/RJ (2010 a 2017). **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 14, n. 2, p. 123-135, 2019.

LIMA, L. M. G. Turismo, cultura e velhice bem-sucedida: contribuições para a elaboração de atividades turístico-culturais para idosos no contexto de fazendas históricas paulistas. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 18, n. 2, p. 97-110, 2010.

LINS, L. **Urbanizada, Ilha do Sem Deus agora Ilha de Deus, ganha até um “Marco Zero”**. **OxeRecife**, 27 dez. 2021. Disponível em: oxerecife.com.br/ilha-do-sem-deus-que-virou-ilha-de-deus-ganha-ate-um-marco-zero/. Acesso em: 8 jul. 2025

LIU, Y. L.; CHIANG, J. T.; KO, P. F. The benefits of tourism for rural community development. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 10, n. 137, p. 1–11, 2023.

MAIR, J.; MARTI, I. Entrepreneurship in and around institutional voids: a case study from Bangladesh. **Journal of Business Venturing**, v. 24, n. 5, p. 419-435, 2009.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MAGOBE, M. J.; Malfense-Fierro, A. C.; LI, M.; JOHNSON, S. The antecedents of bricolage in innovative firms: an empirical study in Tanzania. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, v.1, p. 14657503241238690, 2024.

MATEUS, S.; SAKAE, Soumodip. Bricolage – uma revisão sistemática, conceituação e agenda de pesquisa. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 36, n. 7-8, p. 833–854, 2024.

MENSAH, I. **Fair trade tourism in South Africa: theory and practice**. Cape Town: HSRC Press, 2022.

MESSORI, Sonia. A critical note on coopetition in tourism and hospitality literature. **Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally**, v. 76, n.1, p.1, 2022.

MITCHELL, R.; REID, D. Community integration: Island tourism in Peru. **Annals of Tourism Research**, v. 28, n. 1, p. 113-139, 2001.

MOWFORTH, M.; MUNT, I. **Tourism and sustainability: Development, globalisation, and new tourism in the third world**. 5. ed. Londres: Routledge, 2020.

MTUR. **Ministério do Turismo**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/setor-turistico-ja-gerou-cerca-de-83-9-mil-empregos-em-2023>. Acessado em: 19 jul. 2023.

MUSONA, J.; SJÖGRÉN, H.; PUUMALAINEN, K.; SYRJÄ, P. Bricolage in environmental entrepreneurship: How environmental innovators “make do” at the bottom of the pyramid. **Business Strategy & Development**, v. 3, n. 4, p. 487-505, 2020.

MZEMBE, A. N.; NOVAKOVIC, Y.; MELISSEN, F.; KAMANGA, G. Institutional bricolage as an antecedent of social value creation in a developing country's tourism and hospitality industry. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 26, n. 4, p. 997-1008, 2019.

NASCIMENTO, A. Artesanato e turismo no Vale do Jequitinhonha: Tecendo autonomias. **Revista de Cultura e Extensão USP**, v. 11, n. 2, p. 143-158, 2021.

NELSON, F. Tourism and equity in Tanzania. **Journal of African Economies**, v. 28, n. 5, p. 605-628, 2019.

NELSON, R.; LIMA, E. Effectuations, social bricolage and causation in the response to a natural disaster. **Small Business Economics**, v. 54, n. 3, p. 721-750, 2020.

NGUYEN, V. H. T.; KULL, C. A. Land acquisition through Bricolage? Politics of smallholder acacia plantation expansion in upland Central Vietnam. **The Journal of Peasant Studies**, v. 50, n. 4, p. 1501-1528, 2022.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **The knowledge-creating company: how japanese companies create the dynamics of innovation**. Oxford University Press, 1995.

NYAUPANE, G. P.; MORAIS, D. B.; DOWLER, L. The role of community involvement and number/type of visitors on tourism impacts: A controlled comparison of Annapurna,

Nepal and Northwest Yunnan, China. **Tourism Management**, v. 27, n. 6, p. 1373-1385, 2006.

OKAZAKI, E. A community-based tourism model: its conception and use. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 16, n. 5, p. 511-529, 2008.

OLIVEIRA, J. R. Trabalho e produção associada ao turismo: tensões e rupturas no processo de construção da identidade de mulheres na comunidade rural Chã de Jardim. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 6, n. 9, p. 161-201, 2022.

OLIVEIRA, M. Ecoturismo e conservação de manguezais: experiências na Ilha de Deus. **Revista Sociedade e Natureza**, v. 33, n. 1, p. 112-130, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **World Tourism Organization Annual Report 2022**. Madrid: UNWTO, 2022. Disponível em: <https://www.unwto.org/publications>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PALANISWAMY, N. Social Media Marketing (SMM) A Strategic Tool for Developing Business for Tourism Companies. **arXiv**, 2021.

PAIVA JÚNIOR, F. G. de; LEÃO, A. L. M. de S.; DE MELLO, Sérgio Carvalho Benício. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

PANASIUK, A. Crises in the functioning of urban tourism destinations. **Studia Periegetica**, v. 27, n. 3, p. 13-25, 2019.

PROJETO SAÚDE E ALEGRIA. **Jovens Protagonistas no Turismo Comunitário**. 2021. Disponível em: <https://www.saudeealegria.org.br>.

RANA, R. L.; ADAMASHVILI, N.; TRICASE, C. The impact of blockchain technology adoption on the tourism industry: a systematic literature review. **Sustainability**, v. 14, n. 12, p. 7383, 2022.

REIMERS, F.; SANTOS, L. Intermediação e dependência no turismo amazônico. **Revista de Administração Pública**, v. 55, n. 4, p. 890-915, 2021.

RODRÍGUEZ, M. C.; NIETO MORENO, C. Perspectives for Resilience, Social Inclusion, and Sustainable Tourism in Mexico. In: LEAL FILHO, Walter et al. (orgs.). **SDGs in the Americas and Caribbean Region: Implementing the UN Sustainable Development Goals – Regional Perspectives**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2023. p. 1–20.

RÜLING, C.-C.; DUYMEDJIAN, R. Digital bricolage: resources and coordination in the production of digital visual effects. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 83, p. 98-110, 2014.

RYGLOVÁ, K.; RAŠOVSKÁ, I.; ŠÁCHA, J.; MARÁKOVÁ, V. Building customer loyalty in rural destinations as a pre-condition of sustainable competitiveness. **Sustainability**, v. 10, n. 4, p. 957, 2018.

SALAZAR, N. B. Community-based cultural tourism: issues, threats and opportunities. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 20, n. 1, p. 9-22, 2012.

PINHEIRO, R. C. dos S. Turismo de base comunitária como inovação social na gestão do turismo em espaços rurais. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 10, n. 19, p. 146–165, 2018.

PIRES, P. Memórias Alimentares no Turismo de Base Comunitária da Acolhida Na Colônia, Santa Catarina, Brasil/Food Memories in Community Based Tourism in the Acolhida na Colônia, Santa Catarina, Brazil. **Revista Rosa dos Ventos-Turismo e Hospitalidade**, v. 13, n. 1, 2021.

SALVATO, C.; VASSOLO, R. The Sources of Dynamism in Dynamic Capabilities. **Strategic Management Journal**, v. 39, n. 6, p. 1728-1752, 2018.

SANTOS, L. L.; BORINI, F. M.; OLIVEIRA, M. de M.; ROSSETTO, D. E.; BERNARDES, R. C. Bricolage as capability for frugal innovation in emerging markets in times of crisis. **European Journal of Innovation Management**, v. 25, n. 2, p. 413-432, 2020.

SANTOS, L. L., BORINI, F. M., OLIVEIRA JR, M. D. M., ROSSETTO, D. E., BERNARDES, R. C Bricolage as capability for frugal innovation in emerging markets in times of crisis. **European Journal of Innovation Management**, v. 25, n. 2, p. 413-432, 2022.

SANTOS, L.; PEREIRA, J.; ALMEIDA, R. Mulheres e Turismo Comunitário: Protagonismo na Ilha de Deus. **In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM TURISMO – ANPTUR**, 2020, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ANPTUR, 2020.

SEBRAE. **Saldo positivo**: primeiro semestre de 2023 registra abertura de mais de 868 mil pequenos negócios. Agência Sebrae de Notícias, 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/saldo-positivo-primeiro-semester-de-2023-registra-abertura-de-mais-de-868-mil-pequenos-negocios/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SENYARD, J.; BAKER, T.; STEFFENS, P.; DAVIDSSON, P. Bricolage as a path to innovativeness for resource-constrained new firms. **Journal of Product Innovation Management**, v. 31, n. 2, p. 211-230, 2014.

SENYARD, J.; BAKER, T.; DAVIDSSON, P. Entrepreneurial bricolage: Towards systematic empirical testing. **Frontiers of entrepreneurship research**, v. 29, n. 5, p. 5, 2009.

SERVANTIE, V.; HLADY-RISPAL, M. Born globals' decision-making logics during their entrepreneurial process. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 20, n. 2, p. 255-281, 2022.

SERVANTIE, V.; HLADY-RISPAL, M. Bricolage, effectuation et planification: le cas de la démarche entrepreneuriale d'une EIRP. **Revue Internationale PME**, v. 32, n. 3, p. 261-290, 2019.

SHEPHERD, R. Commodification, culture and tourism. **Tourist Studies**, v. 2, n. 2, p. 183–201, ago. 2002.

SILVA, C. Gestão participativa do turismo em comunidades tradicionais: o caso da Ilha de Deus. **Revista Brasileira de Turismo**, v. 14, n. 2, p. 45-67, 2019.

SILVA, J.; ARAÚJO, M. Bricolagem sustentável em Bonito-MS: Inovações locais. **Turismo em Análise**, v. 31, n. 1, p. 22-45, 2020.

SILVA, J. P.; DE ARAÚJO, C. P. Turismo de Base Comunitária e Produção do Espaço na Comunidade da Ilha de Deus, Recife-PE. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 18, n. 3, 2018.

SOBRINHO JÚNIOR, M. V. L.; DOS SANTOS, A. M.; DA SILVA, E. W. A bricolagem como fator habilitador para inovação frugal no processo de transformação digital em microempresas. **Revista Alcance (online)**, v. 31, n. 3, p. 83-101, 2024. Doi: [https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3\(set/dez\).83-101](https://doi.org/10.14210/alcance.v31n3(set/dez).83-101)

STONE, L. **Ecotourism and indigenous communities: lessons from the Andes**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2019.

SUOMI, K.; ARO, K. Bricolage and entrepreneurial branding in finnish tourism business SMEs. **Corporate Reputation Review**, p. 1-20, 2025.

SUOMI, K.; LEMMETYINEN, A.; FRANZÉN, R. Entrepreneurial marketing in tourism enterprises: findings from three enterprises in Finland. In: **Handbook of Tourism Entrepreneurship**. Edward Elgar Publishing, 2024. p. 219-232.

TABASSAM, A. Entrepreneurial resilience and innovation in crisis: a study of effectuation, causation, and bricolage in post-pandemic startups. **Journal of Social Sciences and Management Studies**, p. 113–132, 2024.

TAJEDDINI, K.; GAMAGE, T. C.; TAJEDDINI, O.; KALLMUENZER, A. How entrepreneurial bricolage drives sustained competitive advantage of tourism and hospitality SMEs: The mediating role of differentiation and risk management. **International Journal of Hospitality Management**, v. 111, 103480, mai., 2023.

THOMAS, R.; SHAW, G.; PAGE, S. Making do' in rural tourism: the resourcing behaviour of tourism micro-firms. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 2, p. 347–366, 2020.

TIMOTHY, D. J. Participatory planning? Lessons from the Abu Dhabi system of tourism management. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 15, n. 1, p. 125–148, 2007.

TOLKACH, D.; Rei, S. Indigenous tourism in Ecuador: Balancing tradition and modernity. **Journal of Ecotourism**, v. 15, n. 2, p. 134-150, 2016.

TORRES, H. Blockchain and community-based tourism: A case study in the Philippines. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 31, n. 4, p. 543-560, 2023.

UNWTO (Organização Mundial do Turismo). **Innovation in Digital Tourism**. 2021. Disponível em: <https://www.unwto.org>. Acessado em: 19 jul. 2023.

VALENTE, F.; DANTAS, R.; DINIZ, P. Espaço para o turismo de base comunitária na Amazônia paraense: o caso da Comunidade Ribeirinha Anã no município de Santarém-PA. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 2, p. 211-231, 2016.

VANEVENHOVEN, J.; WINKEL, D.; MALEWICKI, D.; DOUGAN, W. L.; BRONSON, J. Varieties of bricolage and the process of entrepreneurship. **New England Journal of Entrepreneurship**, v. 14, n. 2, p. 53-66, 2011.

VOLO, S. Tourism statistics, indicators and big data: a perspective article. **Tourism Review**, v. 75, n. 1, p. 304–309, 2020.

WITJES, S.; LANGEDIJK, S. Problematising value retention for a circular economy: dilemmas and new value balancing principles. **Circular Economy Journal**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2023.

YACHIN, J. M.; IOANNIDES, D. Making do in rural tourism: the resourcing behaviour of tourism micro-firms. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 7, p. 1003-1021, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2001.

YU, X.; WANG, X. The effects of entrepreneurial bricolage and alternative resources on new venture capabilities: evidence from China. **Journal of Business Research**, v. 137, p. 527-537, 2021.

ZOLLO, M.; WINTER, S. G. Deliberate learning and the evolution of dynamic capabilities. **Organization science**, v. 13, n. 3, p. 339-351, 2002.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista (estudo piloto)

Orientações gerais: este roteiro de entrevista será aplicado com os empreendedores em turismo de Base Comunitária em Maceió-AL.

No Início da Entrevista:

1. Solicitar autorização para gravação da entrevista e consentimento. Informar que a entrevista será transcrita e que serão utilizados pseudônimos.
2. Dados Pessoais do Entrevistado:
 - 2.1 Formação:
 - 2.2 Qual sua principal ocupação:
 - 2.3 Tempo de residência no local investigado:
 - 2.4 Há quanto tempo está envolvido com atividades turísticas na localidade.
3. Apresentação dos Objetivos da Pesquisa:
4. Explicar brevemente os objetivos da pesquisa, focando na investigação de como a bricolagem empreendedora é utilizada nas iniciativas turísticas de base comunitárias para superar desafios e inovar, aproveitando recursos locais e promovendo o desenvolvimento sustentável.
5. Informações sobre a atividade desenvolvida:
6. Ano do início da atividade:

Objetivo geral

Analisar como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus.

Objetivos específicos

- I. Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;
- II. Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus.

Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;

1. Como surgiu seu negócio no turismo? O que motivou essa iniciativa?
2. Quais produtos ou serviços você oferece?

3. Pode informar um exemplo de quando precisou ser criativo(a) com os recursos disponíveis? (Baker; Nelson, 2005)
4. Quais recursos locais você costuma reutilizar ou adaptar para atender os visitantes? (Baker; Nelson, 2005; Lévi-Strauss, 1962; Tajeddini et al., 2023)
5. Você já usou recursos disponíveis no momento para resolver problemas ou criar oportunidades? Pode dar um exemplo? (Baker; Nelson, 2005; Lévi-Strauss, 1962)
6. Como a falta de recursos afetou seu negócio? Quais foram esses recursos? Como você superou essas dificuldades?
7. Como a bricolagem aparece no turismo comunitário da sua localidade? (Baker; Nelson, 2005; Senyard et al., 2014)
8. Quais estratégias você usa para superar limitações de dinheiro e materiais? (Silva; Araújo, 2020; Ferraro; Etchenique, 2022)
9. Como essas práticas se comparam a iniciativas semelhantes em outros lugares? (Tolkach; Rei, 2016; Silva; Araújo, 2020)
10. Quais desafios você enfrenta ao usar a bricolagem no turismo? (Garud & Karnøe, 2003; Desa & Basu, 2013)

Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus.

1. Quais desafios você enfrentou ao tentar utilizar a bricolagem em seu negócio? (Baker; Nelson, 2005)
2. Quais benefícios a bricolagem trouxe para seu negócio (eficiência, inovação, resiliência)? (Senyard et al., 2014)
3. Pode contar um caso que a bricolagem foi essencial para superar uma crise ou impulsionar um projeto? (Hernández-Barahona; Águeda, 2023)
4. Quais resultados positivos seu negócio alcançou com a bricolagem? (Sara; Mateusa, 2024)
5. Como você vê o papel da bricolagem no futuro do seu negócio? (Lee, 2022)
6. A falta de infraestrutura e dinheiro impulsiona soluções criativas? Pode dar exemplos? (Baker; Miner; Eesley, 2003; Senyard et al., 2014)
7. Quais materiais ou recursos reaproveitados ajudam nas atividades turísticas? (Silva; Araújo, 2020)

8. Como a bricolagem ajuda a criar parcerias e redes de apoio no turismo comunitário? (Liu et al., 2023; Rodríguez; Nieto Moreno, 2023)
9. Como redes sociais e ferramentas digitais gratuitas têm ajudado no seu negócio? (García-Gallo; Rivera; García, 2021; Bowden, 2007)
10. Você pode dar exemplos de inovações simples e eficazes usadas no turismo local? (Bhardwaj et al., 2024)
11. Como a bricolagem valoriza a cultura local? (Dodds; Ali; Galaski, 2016; Mitchell; Reid, 2001)
12. Como o conhecimento gerado por essas práticas é compartilhado entre os empreendedores na região? (Nonaka; Takeuchi, 1995; Ciborra, 1996)
13. Quais dificuldades estruturais e regulatórias atrapalham a inovação no turismo comunitário? (Ryglova *et al.*, 2018; Dologite et al., 2015)

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista – Turismo de Base Comunitária na Ilha de Deus

Orientações Gerais: este roteiro de entrevista deve ser aplicado com os empreendedores de turismo de Base Comunitária da Ilha de Deus em Recife. Os dados serão analisados com apoio do software ATLAS.ti.

No Início da Entrevista:

1. Solicitar autorização para gravação da entrevista e consentimento. Informar que a entrevista será transcrita e que serão utilizados pseudônimos.
2. Dados Pessoais do Entrevistado:
 - 2.1 Formação:
 - 2.2 Qual sua principal ocupação:
 - 2.3 Tempo de residência na Ilha de Deus:
 - 2.4 Há quanto tempo está envolvido com atividades turísticas na Ilha de Deus
3. Apresentação dos Objetivos da Pesquisa:
4. Explicar os objetivos da pesquisa, focando na investigação de como a bricolagem empreendedora é utilizada nas iniciativas turísticas de base comunitárias para superar desafios e inovar, aproveitando recursos locais e promovendo o desenvolvimento sustentável.
5. Informações sobre a atividade desenvolvida:
6. Ano do início da atividade:

Objetivo geral

Analisar como a bricolagem empreendedora é desenvolvida no turismo de base comunitária da Ilha de Deus.

Objetivos específicos

- I. Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;
- II. Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e

criativas no turismo da Ilha de Deus.

Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;

Investigar como a bricolagem empreendedora transforma limitações de recursos em oportunidades de desenvolvimento do turismo de base comunitária;

1. Como começou seu trabalho com turismo? O que te fez começar? (Baker; Nelson, 2005)
2. Que tipos de serviços ou passeios você oferece? (Baker; Nelson, 2005)
3. Pode contar um momento em que teve que usar a criatividade com o que tinha em mãos? (Baker; Nelson, 2005)
4. Que coisas da própria comunidade você costuma usar ou adaptar para receber os visitantes? (Baker; Nelson, 2005; Lévi-Strauss, 1962; Tajeddini et al., 2023)
5. Já usou algo que estava por perto para resolver um problema ou aproveitar uma oportunidade? Pode dar um exemplo? (Baker; Nelson, 2005; Lévi-Strauss, 1962)
6. A falta de dinheiro ou materiais já atrapalhou seu trabalho? Como você deu a volta por cima? (Baker; Nelson, 2005)
7. Como o jeitinho ou a criatividade com poucos recursos aparece no turismo na Ilha de Deus? (Baker; Nelson, 2005; Senyard et al., 2014)
8. O que você faz para lidar com a falta de dinheiro ou materiais? (Silva; Araújo, 2020; Ferraro; Etchenique, 2022)
9. O que você faz é parecido com o que acontece em outros lugares de turismo comunitário? Poderia explicar? (Tolkach; Rei, 2016; Silva; Araújo, 2020)
10. Quais dificuldades você encontra quando precisa se virar com o que tem? (Garud; Karnøe, 2003; Desa; Basu, 2013)

Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus.

1. Quais dificuldades você teve ao tentar se virar com os recursos que tinha no seu negócio? (Baker; Nelson, 2005)
2. Quais coisas boas a criatividade com poucos recursos trouxe para o seu negócio? Ajudou a economizar, inovar ou resistir às dificuldades? (Senyard et al., 2014)

3. Pode contar um caso em que usar o que tinha em mãos foi essencial pra vencer uma crise ou tirar um projeto do papel? (Hernández-Barahona; Águeda, 2023)

4. Quais resultados positivos você já teve usando esse tipo de criatividade no seu trabalho? (Sara; Mateusa, 2024)

5. Como você enxerga o uso dessa criatividade com poucos recursos no futuro do seu negócio? (Lee, 2022)

Compreender como as limitações de recursos estimularam soluções inovadoras e criativas no turismo da Ilha de Deus.

6. A falta de estrutura ou dinheiro já te fez encontrar soluções criativas? Pode dar um exemplo? (Baker; Miner; Eesley, 2003; Senyard et al., 2014)

7. Quais materiais reaproveitados ou reciclados ajudam nas atividades de turismo que você faz? (Silva; Araújo, 2020)

8. Como essa forma de se virar com o que tem ajuda a fazer parcerias e juntar forças com outras pessoas do turismo? (Liu et al., 2023; Rodríguez; Nieto Moreno, 2023)

9. Como as redes sociais e ferramentas grátis da internet têm ajudado o seu negócio? (Garcí-Gallo *et al.*, 2021; Bowden, 2007)

10. Pode dar exemplos de ideias simples e criativas que deram certo no turismo da sua comunidade? (Bhardwaj *et al.*, 2024)

11. Como essa criatividade com poucos recursos ajuda a valorizar a cultura da comunidade? (Dodds; Ali; Galaski, 2016; Mitchell; Reid, 2001)

12. Como você e outros empreendedores trocam ideias e aprendem juntos com essas práticas? (Nonaka; Takeuchi, 1995; Ciborra, 1996)

13. Quais regras ou problemas de estrutura atrapalham quem quer inovar no turismo comunitário? (Ryglová *et al.*, 2018; Dologite *et al.*, 2015)